



O Jardim de Flores e a Comitiva do Sagrado Coração de Jesus

Carlos Lucena e Amigos Espirituais

*O Jardim de Flores e a Comitativa
do Sagrado Coração de Jesus*
Volume 2

Carlos Lucena e Amigos Espirituais

*O Jardim de Flores e a Comitiva
do Sagrado Coração de Jesus*

Volume 2

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais

Navegando Publicações

2024



NAVEGANDO



www.editoranavegando.com

editoranavegando@gmail.com

Uberlândia – MG,
Brasil

Direção Editorial: Navegando Publicações

Projeto gráfico e diagramação: Lurdes Lucena

Arte da Capa: Alberto Ponte Preta

Imagem Capa: Pinterest

Destacamos que este e-book terá acesso gratuito pela internet

Copyright © by autor, 2024.

C195 – Lucena, C.; Amigos Espirituais. O jardim de flores e a comitiva do Sagrado Coração de Jesus. Volume 2. Uberlândia: Navegando Publicações, 2024.

ISBN: 978-65-6070-025-3

DOI -10.29388/978-65-6070-025-3

1. Crianças de Aruanda 2. Jesus 3. Umbanda. Madres do Sagrado Coração de Jesus. Crianças de Aruanda I. Carlos Lucena II. Navegando Publicações. Título.

CDD – 218

Índice para catálogo sistemático

Imortalidade

218

Navegando Publicações



NAVEGANDO

www.editoranavegando.com

editoranavegando@gmail.com

Uberlândia – MG

Brasil

Editores

Lurdes Lucena – Esamc – Brasil

Carlos Lucena – UFU – Brasil

José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil

José Carlos de Souza Araújo – Uniuibe/UFU – Brasil

Conselho Editorial Multidisciplinar

Pesquisadores Nacionais

Afrânio Mendes Catani – USP – Brasil
Anderson Bretas – IFPM – Brasil
Anselmo Alencar Colares – UFPMA – Brasil
Carlos Lucena – UFU – Brasil
Carlos Henrique de Carvalho – UFU, Brasil
Cilson César Fagiani – Uniuibe – Brasil
Dermeval Saviani – Unicamp – Brasil
Elmiro Santos Resende – UFU – Brasil
Fabiane Santana Previtali – UFU, Brasil
Gilberto Luiz Alves – UFMS – Brasil
Inez Stampa – PUCRJ – Brasil
João dos Reis Silva Júnior – UFSCar – Brasil
José Carlos de Souza Araújo – Uniuibe/UFU – Brasil
José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil
Larissa Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Livia Diana Rocha Magalhães – UESB – Brasil
Marcelo Caetano Parreira da Silva – UFU – Brasil
Mara Regina Martins Jacomei – Unicamp, Brasil
Maria J. A. Rosário – UFPMA – Brasil
Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp, Brasil
Paulino José Orso – Unioeste – Brasil
Ricardo Antunes – Unicamp, Brasil
Robson Luiz de Franca – UFU, Brasil
Tatiana Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Valdemar Sguissardi – UFSCar – (Apos.) – Brasil
Valeria Lucília Forti – UERJ – Brasil
Yolanda Guerra – UFRJ – Brasil

Pesquisadores Internacionais

Alberto L. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires – Argentina
Alicia Maria de Castro Martins – (I.S.M.T.), Coimbra – Portugal
Alexander Steffanell – Lee University – EUA
Ángela A. Fernández – Univ. Aut. de St. Domingo – Rep. Dominicana
Antonino Vidal Ortega – Pont. Un. Cat. M. y Me – Rep. Dominicana
Armando Martínez Rosales – Universidad Popular de Cesar – Colômbia
Artemis Torres Valenzuela – Universidad San Carlos de Guatemala – Guatemala
Carolina Crisorio – Universidad de Buenos Aires – Argentina
Christian Cwik – Universität Graz – Austria
Christian Hausser – Universidad de Talca – Chile
Daniel Schugurensky – Arizona State University – EUA
Elizet Payne Iglesias – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Elsa Capron – Université de Nimès / Univ. de la Réunion – France
Elvira Aballi Morell – Vanderbilt University – EUA
Fernando Camacho Padilla – Univ. Autónoma de Madrid – Espanha
José Javier Maza Avila – Universidad de Cartagena – Colômbia
Hernán Venegas Delgado – Univ. Autónoma de Coahuila – México
Isidre Gjergji – Universidade de Coimbra – Portugal
Iván Sánchez – Universidad del Magdalena – Colômbia
Johanna von Grafenstein, Instituto Mora – México
Lionel Muñoz Paz – Universidad Central de Venezuela – Venezuela
Jorge Enrique Elias-Caro – Universidad del Magdalena – Colômbia
José Jesus Borjón Nieto – El Colegio de Vera Cruz – México
José Luis de los Reyes – Universidad Autónoma de Madrid – Espanha
Juan Marchena Fernandez – Universidad Pablo de Olavide – Espanha
Juan Paz y Miño Cepeda, Pont. Univ. Católica del Ecuador – Equador
Lerber Dimas Vasquez – Universidad de La Guajira – Colômbia
Marvin Barahona – Universidad Nacional Autónoma de Honduras – Honduras
Michael Zeuské – Universität zu Köln – Alemanha
Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal
Pilar Cagiao Vila – Universidad de Santiago de Compostela – Espanha
Raúl Roman Romero – Univ. Nacional de Colombia – Colômbia
Roberto González Aranas – Universidad del Norte – Colômbia
Rommy Viales Hurtado – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Rosana de Matos Silveira Santos – Universidad de Granada – Espanha
Rosario Marquez Macias, Universidad de Huelva – Espanha
Sergio Guerra Vilaboy – Universidad de la Habana – Cuba
Silvia Mancini – Université de Lausanne – Suíça
Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal
Tristan MacCoav – Universit of London – Inglaterra
Victor-Jacinto Flecha – Univ. Cat. N. Señora de la Asunción – Paraguai
Yoel Cordovi Niñes – Instituto de Historia de Cuba v Cuba – Cuba

Dedicamos este livro à Egrégora das Madres do
Sagrado Coração de Jesus e às Crianças
de Aruanda

Sumário

Prólogo.....	8
O Retorno	15
As primeiras lembranças	28
A emboscada.....	55
A vingança.....	66
O alvorecer de João.....	92
Francisca e Maria flor	105
O encontro de Mário e Margarida	116
A sedução.....	121
Virgínia	129
O casamento	143
O despertar.....	150
Francisca.....	160
O desencarne de Francisca.....	177
Reflexões.....	202

Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz.....	208
A escola.....	219
Irmã Maria Luísa e os Espíritos Angelicais	226
A luta contra a miséria e a pobreza	240
A destruição.....	251
As últimas experiências.....	264

Prólogo

Este livro é a continuação da obra "O Jardim de Flores e os Milagres de Jesus" publicado pela Navegando Publicações no ano de 2023¹, redigido através de intuição mediúnica pelos seus autores.

Após acompanharem os milagres do Nazareno, a Comitiva do Sagrado Coração de Jesus reforça os seus laços de amor e amizade. Para isso, contam as histórias de suas últimas encarnações e as provas e expiações que passaram.

O cenário que se apresenta é comum a todos os seus integrantes. O que se vivencia é o Brasil, na segunda metade do século XIX, período em que a abolição da escravatura foi promulgada no país.

¹ O livro pode ser obtido de forma gratuita através do endereço eletrônico <https://www.editoranavegando.com/jesus-e-maria-luisa>

A alegria dos recém-libertos é acompanhada pela permanência de profundos processos de discriminação social e preconceito racial. O analfabetismo e a pobreza se inserem no Brasil, formando uma multidão de seres humanos que perambulam pelas ruas sem saber para onde írem.

A fome, o desespero e as doenças acabam por afetar esses milhares de seres humanos que foram, ao mesmo tempo, libertados e abandonados. A inexistência de processos organizados de inclusão social levou milhares de libertos a se somarem ao exército de miseráveis que já vagavam em busca de sobrevivência pelo Brasil.

O cenário de abandono de grandes coletivos humanos em um país movido pelo trabalho agrário acabou por desenhar uma tragédia social.

A abolição da escravatura, processo necessário que aboliu o que nunca deveria ter existido, uma

vergonha para toda a humanidade, acabou por fomentar rancores e desejos de sua reversão.

Uma fração de classe composta por senhores de escravos que tinham dificuldade em entender os últimos como pertencentes à espécie humana, tratando-os como animais e mercadorias vivas, agiram no intuito de boicotar todo e qualquer processo de inclusão recém-libertos.

Matanças, intimidações, humilhações, entre tantas outras ações de baixa ordem acabaram por exemplificar as relações sociais do período em questão. Esta é a materialidade social ao qual se explica o período em que os integrantes da Comitiva do Sagrado Coração de Jesus estiveram encarnados pela última vez.

Este livro narrará através de três histórias, as passagens de seus personagens, suas relações familiares, conflitos e desafios que lhes foram postos.

A primeira história é a de Pedro, Anastácio e seus familiares. Pedro é filho de escravos recém-libertos. Os seus pais se chamam João e Sebastiana e suas duas Irmãs, Joana e Celestina.

Eles perambulam pelas ruas em busca de trabalho e sobrevivência. Resolvem procurar o seu antigo senhor de escravos para retornarem à fazenda como empregados.

Quando ali chegam, se deparam com o Coronel Emílio e sua esposa Sinhá Ermengarda e seu filho único, o bondoso Anastácio. Eles discutem e são humilhados por seus antigos donos, sendo expulsos da fazenda como animais. Uma relação de rancor e ódio com desdobramentos trágicos é o resultado deste encontro.

A segunda história será a de Francisca, seus pais, Mário e Margarida, e Virgínia.

Mário é um médico que estudou medicina em Paris. Filho de ricos fazendeiros, acostumou-se com o jeito de viver europeu. Margarida, uma jovem que habitava a Vila que sonhava em arrumar um bom casamento para se dar bem economicamente em sua vida. Virgínia, uma filha de comerciantes, uma moça bela, de grande evolução e condição moral.

A história mostra a sedução de Margarida e Mário, uma relação em que ambos queriam se aproveitar um do outro com motivos diferentes. Enquanto Mário apenas a queria com mais uma de suas amantes, Margarida o via apenas com um bom casamento.

Mário conhece Virgínia e ambos se apaixonam. Contudo, ao mesmo tempo, Margarida fica grávida de Francisca.

Virgínia renuncia o seu amor em respeito à criança que estava por nascer. Mesmo assim,

desperta o ódio de sua rival. Mário e Margarida se casam e Francisca nasce logo em seguida.

A falta de amor acaba por gerar uma relação conflituosa entre o casal à qual a criança é responsabilizada pela infelicidade de ambos.

A terceira história será a das Madres do Sagrado Coração de Jesus, dando ênfase na missão das Irmãs Maria Luísa, Maria Rita e Maria Beatriz na luta contra a fome e o combate ao analfabetismo.

Um universo de pobres e famintos recém-libertos pedem ajuda na porta do mosteiro. As Irmãs se mobilizam e criam uma escola para alfabetizar jovens e adultos e formas de distribuição de alimentos e remédios.

Esta ação desperta a fúria de dois coronéis escravagistas da região que passam a agir de todas as formas para inviabilizar o trabalho das Madres.

Estas são histórias comoventes que nos ensinam lições de vida e aprendizados evangélicos. A capacidade do perdão e do amor como força revigorante de nossos espíritos.

Demonstra a importância de nos mantermos firmes e convictos em nossa luta contra as provas e expiações que trazemos do passado, como forma de transformarmos o nosso presente e construir um novo futuro.

Os autores

Outono 2024

O Retorno

O portal se abre e aqueles viajantes retornam ao Jardim de Flores. As crianças estão inquietas e emocionadas por tudo o que vivenciaram.

As Irmãs tentam contê-las, sem qualquer êxito, dado o nível comovente da experiência que viveram. Elas correm por todos os lados exaltando alegria e felicidade.

Quando começam a se aproximar de Aruanda uma multidão de crianças, baianos, pretos e pretas velhas, caboclos e Madres do Sagrado Coração de Jesus e tantos outros os recebem.

Eravam centenas de espíritos alegres e curiosos falando ao mesmo tempo em sua volta. A experiência que viveram foi única e todos queriam saber todos os pormenores,

Aquela experiência estava marcada em suas lembranças, concatenando tantos aprendizados e lições de vida. Tudo aquilo era inexplicável em poucas palavras.

Os aprendizados sobre a cultura e a história dos povos romanos e judeus, acompanhado do contato com civilizações tão diferentes às que tinham lembranças enriqueceram aqueles espíritos marcados pela aventura, benevolência e amor.

A simplicidade das palavras de Jesus acompanhada da grandeza e profundidade dos seus ensinamentos reluzia em todos aqueles espíritos mudanças que afetariam todo o restante de suas existências.

Poucos tiveram uma oportunidade assim. Nem todos os espíritos superiores tiveram um contato tão direto com a vida de Jesus, aprendendo

ao vivo com seus ensinamentos expressos em suas parábolas e milagres.

Acompanhados por aquelas centenas de espíritos que com tanta alegria os receberam, a comitiva começou a se despedir. Todos se abraçaram, fortalecendo uma relação que não mais seria desintegrada por toda a existência em múltiplas dimensões.

Irmã Maria Rita estava emocionada. Segurando a mão de Tarcísio, disse para todos ouvirem.

– Nesta viagem, colhemos a semente do bem que nos ajudará a permanecer no caminho da bondade e da benevolência. Tudo o que vivenciamos será compartilhado com todos.

– A bondade imperante no universo transcende os preceitos de uma religião. Ela é simples e

complexa ao mesmo tempo, um exército que ensina e convoca os seus súditos em causas comuns.

As crianças começam a chorar de alegria e se abraçam em comunhão com as Madres. Tarcísio diz:

– Irmã Maria Rita, nos teremos novas experiências como essa? Quando viajaremos novamente?

As Irmãs ouvem a pergunta de Tarcísio que traduzia a inquietação de todos aqueles que participaram de tão sublime viagem. Irmã Maria Rita, acompanhada da Irmã Maria Beatriz, respondem em conjunto.

– Acreditamos que sim, Tarcísio. Contudo, toda viagem que fizermos será acompanhada de um planejamento e objetivo.

– Como dissemos, o que está em jogo é a consolidação de nobres ensinamentos a vocês que

serão transmitidos às novas crianças que encarnarão em breve.

– Elas participarão de forma objetiva da transição de um mundo de provas e expiações para o de regeneração que está em curso na Terra.

Irmã Maria Luísa observa a conversa e começa sorrir de forma marota. As Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz percebem e perguntam.

– Por que a senhora está sorrindo, Irmã Maria Luísa. Existe algo que gostaria de nos contar e ainda não sabemos?

Irmã Maria Luísa ouve a pergunta e de forma gentil e educada responde:

– Minhas jovens Irmãs tão sábias e com tão pouca paciência.

€ sorri sem parar.

– Tudo no seu devido tempo. Tenho uma surpresa para todos vocês. Contudo, contarei apenas no momento certo. Vamos agora experimentar esta experiência tão maravilhosa que estamos vivenciando. Quando for a hora certa, voltaremos ao assunto.

Ele abraça as jovens Irmãs Maria Rita e Maria da Glória e em conjunto com as Irmãs Maria da Glória e Maria Cleonice caminham em direção ao mosteiro.

Quando ali chegam, muita festa e alegria as esperam. A emoção tomou conta de todas as Irmãs que se reuniam em conjunto para ouvir aquelas histórias que pareciam não ter fim. A comoção ali imperava.

As histórias eram contadas e recontadas. Todas conviviam em perfeita comunhão e respeito mútuo. O aprendizado de um correspondia ao crescimento de toda a egrégora.

Ali não existia competição ou rivalidade. O que interessava era o crescimento da coletividade em prol do bem-estar de toda a vida. Os sentimentos de compaixão estavam presentes entre todas aquelas Irmãs comprometidas com a luta pelo bem de todos os espíritos encarnados e desencarnados.

Em meio à comoção ali reinante, Irmã Maria Luísa fala a todas.

– Agora todos nós precisamos descansar e refletir sobre tudo o que vivenciamos. Os aprendizados que buscamos no passado e que socializamos em egrégora a todas vocês terão continuidade.

– Contenham a curiosidade e não sejam ansiosas. Em breve teremos bons momentos de aprendizagem, que será marcada por uma nova experiência que marcará todas vocês. Tenham fé e perseverança que tudo dará certo.

Ho mesmo tempo em que as Irmãs são recebidas com todo amor e carinho no mosteiro, as crianças se aproximam de Aruanda através do Jardim de flores. Todos chegam abraçados e em profunda comoção. Elas cantarolam músicas felizes e correm umas atrás das outras.

O Jardim de flores reluz cores intensas e profundas dado ao elevado nível energético positivo que ali se manifesta. Todos aqueles que ali estão em tratamento e desfrute se comovem com a passagem das crianças.

A alegria é intensa e contagiante. As crianças cantam alto e com sinceridade, repetindo as letras de duas músicas que se transformam em uma só.



Jesus é o nosso mestre,
Jesus é o nosso guia,
com ele aprendemos,
a viver com alegria,
Jesus, Senhor,
Tu és o nosso Amor.



Dê um sorriso só,
sorriso aberto,
sorriso certo,
cheio de amor.



Quem tem Jesus
Gosta de cantar
Está sempre sorrindo
Mesmo quando não dá!



Tropeça aqui, ô, ô,
Cai acolá
mas, de novo levanta,
e continua a cantar!

Ho ouvirem a música cantada pelas crianças,
todos aqueles espíritos que ali estão começam a
cantar, fazendo coro com as crianças.



Jesus é o nosso mestre,
Jesus é o nosso guia,
com ele aprendemos,
a viver com alegria,
Jesus, Senhor,
Tu és o nosso Amor.



Dê um sorriso só,
sorriso aberto,
sorriso certo,
cheio de amor.



Quem tem Jesus
Gosta de cantar
Está sempre sorrindo
Mesmo quando não dá!



Tropeça aqui, ô,ô,
Cai acolá
mas, de novo levanta,
e continua a cantar!

Aquela canção ecoa por todo o Jardim de flores, ajudando no tratamento de milhares de espíritos que ali estão em busca de um recomeçar.

Os Pretos e as Pretas Velhas, que por elas se responsabilizam, se aproximam com todo amor e carinho para recepcioná-las. Um abraço fraterno é dado em todas as crianças e a emoção é cativante. A cidade de Aruanda, a exemplo do Jardim de Flores, reluz cores e vibrações indescritíveis aos olhos encarnados. A cidade pulsava amor e alegria e a festa estava presente em todas as suas ruas e casas.

A exemplo do mosteiro das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, todos queriam saber as novidades, os aprendizados e o convívio tão próximos com Jesus encarnado.

O contar de histórias se repetia a cada canto que as crianças estivessem. E isso se seguiu por muitos dias...

As primeiras lembranças

Muitos dias se passaram e todos retornaram às suas atividades cotidianas. As crianças foram para a escola, sempre com o acompanhamento seguro das Irmãs Maria Ríta e Maria Beatriz. As Madres retomaram os seus trabalhos de ajuda a tantos necessitados encarnados e desencarnados.

Em raro momento de descanso e reflexão, Irmã Maria Luísa estava sentada no interior do Jardim de Flores, no mesmo banco de madeira quando recebeu a visita de Jesus.

Em sua meditação, foi intuita que deveria estreitar ainda mais os laços com as crianças, retomando o processo de aprendizagem que estava em curso.

foi assim que ela enviou uma mensagem telepática para que todo o grupo se reunisse junto a ela para uma reunião naquele belo local. O seu pedido foi atendido e, em poucos segundos, todos estavam a sua volta.

Tão logo chegaram, Tarcísio perguntou:

– Por que nos chamou aqui Irmã Maria Luísa? A senhora precisa de alguma coisa? Como podemos te ajudar?

Irmã Maria Luísa olha para Tarcísio e com todo amor responde:

– Meu menino querido, os laços das nossas egrégoras estão cada vez mais fortes. Esta é uma grande responsabilidade para todos nós.

– Para que possamos estar ainda mais unidos, queremos que todos conheçamos as nossas histórias e como elas se entrelaçam.

– Devemos saber exatamente quem somos e porque estamos aqui. Queremos que entendam os desafios que se apresentam em um mundo de provas e expiações e o que isso significa na continuidade de toda a existência.

– A vida é uma escola que nos coloca desafios e aprendizados. É isso que nos diz que estamos vivos e em constante transformação. Aprendemos com nossos erros para sermos melhores e mais fortes no futuro.

Tarcísio, a princípio, fica sem entender as palavras da Irmã Maria Luísa e ela continua.

– Toda vez que encarnamos, desafios nos são postos para que superemos e continuemos a nossa ascensão espiritual.

– Esses desafios tudo tem a ver com as nossas experiências passadas e a oportunidade que nos é

dada para superar o que até então não conseguimos em nossas vidas.

– Muitas vezes situações difíceis se apresentam em nossas vidas para que possamos confrontá-las e superar as nossas inseguranças, imperfeições e medos.

– Chegou a hora de cada um de nós contarmos um pouco de nossas últimas encarnações para que possamos entender onde queremos chegar.

– As imagens mostrarão todos os eventos. Quando se sentirem à vontade, podem narrar os acontecimentos. Caso contrário, as imagens nos mostrarão tudo o que aconteceu.

– Os primeiros serão os meninos Zezinho e Tarcísio. Mostraremos a todos como as suas vidas foram entrelaçadas no passado.

As Irmãs dão as mãos e se concentram em meio da beleza inerente ao Jardim de Flores. Os pássaros cantam com mais força e alegria e as cores das plantas ganham novo resplendor. Um conjunto de imagens toma forma em meio a uma névoa que começa a se dissipar.

Estamos no Brasil, na segundo metade do século XIX. A pobreza imperava por todos os cantos. O país era um palco de pobres famintos e analfabetos. A abolição da escravatura se concretizara e, com ela, sonhos, conquistas, utopias e ilusões frequentavam a imaginação dos milhares de envolvidos.

Uma vila simples toma forma aos olhares daquele seletto grupo que buscava compreender a sua história. A divisão de classes é implacável. A riqueza e a pobreza convivem no mesmo espaço geográfico.

Os cavalos e as carroças percorrem aquela pequena vila. A convulsão social cresce em toda a região agravada pelos desdobramentos da abolição da escravatura.

Alguns ex-escravos libertos resolveram permanecer em suas fazendas de origem, sendo tratados de forma marginalizada e explorados. Outros as abandonaram e começaram a vagar pelas ruas em busca de novas oportunidades de sobrevivência.

O que se vê é que não existe no Brasil qualquer processo organizado para absorver aquela força de trabalho escrava ao jovem mundo do trabalho assalariado. O abandono social materializou o crescimento da fome. O percentual de pretos livres analfabetos passa dos 99%.

A fome foi o fomento para o crescimento do ódio e o desejo de vingança. Zezinho olha assustado

quando percebe o número de pretos perambulando pelas ruas.

Ele vê uma família desesperada composta de cinco pessoas, sendo um casal e seus três filhos e a emoção cresce em seu coração. Ele tenta disfarçar, contudo não consegue esconder os seus sentimentos.

Os pais se chamam João e Sebastiana. João era preto e forte. Ele tem aproximadamente 1,70 metros de altura e vinte e oito anos de idade. Usa roupas de algodão de cor branca encardida. Os seus olhos são pretos e anda descalço.

Sebastiana é mulata e tem vinte e sete anos de idade. Ela é filha bastarda de um fazendeiro que violentou uma das escravas de sua fazenda, algo infelizmente comum no período em questão. Nunca foi reconhecida como filha e acabou vendida como uma escrava qualquer. Ela tem aproximadamente

1:55 metros de altura e usa saia e blusa cor bege encardido.

Ela e o marido aparentam ser muito mais velhos do que são dados os sofrimentos e maus-tratos resultantes da vida impostos pelo trabalho escravo e as longas jornadas de trabalho sobre o sol. Espancamentos no tronco, testemunho de mortes e sofrimento e inexistência de direitos humanos marcam toda esta encarnação.

Os três filhos do casal, Joana, Celestina e Pedro, eram muito jovens. Joana tem catorze anos, Celestina, treze e Pedro, nove anos de idade.

Joana é esguia e cozinha muito bem. Os seus cabelos são pretos encaracolados e seus olhos castanhos escuros. Usa um vestido de chita branco encardido e, a exemplo de sua mãe e Irmã, um pano para cobrir os cabelos.

Celestina é bela, aparentando ser mais velha do que a sua idade. Os seus cabelos pretos e escorridos lembram os das nativas indígenas do Brasil. Usa um vestido de chita brando encardido. Ela é cobiçada por todos os homens que a conhecem, dada a sua beleza singular.

Pedro é um menino alegre e feliz. Tem o coração bondoso que protege suas emoções da condição miserável de sua vida. Usa uma camisa de algodão encardida e um calção preto furado. O seu cabelo é encaracolado, similar ao do seu pai.

O sorriso é a marca de suas relações com as outras pessoas. A sua bondade atrai a amizade e carinho de todas as pessoas que estão a sua volta.

Aquela família está faminta, debilitada e sujeita à doenças. Junto com tantos necessitados, perambulam pelas ruas em busca de comida, sendo

ignorados pela maioria das pessoas que os olham com repulsa e desrespeito.

João olha para Sebastiana e cheio de amargura e ódio diz:

– Como vamos fazer para alimentar as crianças? Não temos para onde ir! Estou ficando desesperado!

Sebastiana responde:

– Vosmecê não pode perder a esperança. Em breve conseguiremos comida e trabuco² e nossa vida vai melhorar. Quem sabe nossos filhos terão uma vida melhor do que a nossa.

A revolta toma conta de João e cheio de ódio ele diz:

² Trabuco significa trabalho.

- Ninguém merece passar pelo que estamos passando. Não é justo que soframos tanto assim. Nunca fizemos mal para ninguém. A vida é injusta conosco. Antes éramos escravos e agora, libertos, recebemos tratamento ainda pior.

- Nós não somos animais para sermos desprezados assim. Quem eles pensam que são! Nos libertaram a contragosto e agora nos humilham torcendo para que morramos de fome.

Sebastiana responde:

- Vamos voltar para a casa dos nossos antigos donos. Eles têm um filho muito doente. Quem sabe nos aceitam de volta como trabalhadores. Eu posso ajudar a cuidar da casa e você da lavoura.

João, responde para Sebastiana.

- Huuummm, não sei não! E se eles nos escravizarem de novo? Lembra de como nos

tratavam mal? Até da nossa filha Celestina tentaram se aproveitar.

– Quantas vezes me levaram para o tronco para ser espancado. Quantas chibatadas eu levei. Não sei se é uma boa ideia voltar para aquela casa mardita.

Sebastiana responde:

– Nós não temos alternativa João. Ou eles nos aceitam de volta, ou morremos de fome e doentes na rua. Vamos tentar, pois nada temos a perder.

A família ruma em direção à fazenda que antes os escravizara. Ela fica distante da vila em que estavam. Eles demoram horas para ali chegarem a pé.

Na fazenda existe uma casa grande com tons rústicos do interior. As suas paredes são em tom branco e as janelas cor de madeira envernizada.

Nela mora uma família de três pessoas. Coronel Emílano, por volta dos 35 anos, Sinhá Ermengarda, com 34 anos e seu filho único, Anastácio, com 12 anos.

Coronel Emílano é um homem rude que se sente traído pelo processo da abolição da escravatura. Ele é branco, magro, olhos pretos e tem aproximadamente 1:80 metros de altura. Seus cabelos são castanhos e lisos. Usa um grande chapéu, comum no período, que o protege do sol. As suas botas são pretas e bem lustradas, não demonstrando que caminhava por entre as lavouras.

Toda vez que chega em casa manda empregado limpá-las da terra. Vê os pretos como animais. Ele muito espancou João, quando este foi seu escravo. Muitos dos seus escravos morreram por suas mãos e maus tratos.

Sinhá Ermengarda é uma mulher soberba que se esconde atrás de uma pretenda humildade. O seu cabelo é loiro e ela tem aproximadamente 1,60 metros de altura. Os seus vestidos são vistosos e acompanham a moda do período.

Ela é extremamente materialista e de caráter duvidoso. A sedução constante acompanha as suas ações. Vive sob as ordens de seu marido que a trai constante com outras mulheres da vila.

Anastácio, dotado de uma bondade extrema para com os outros, possui sua saúde fragilizada. Ele tem problemas nos pulmões e deficiência física em uma das pernas. Os seus cabelos são castanhos e sua pele rosada, pois raramente toma sol.

Como vive em seu quarto, debilitado por sua doença, é gordinho e pequeno. Seu pai, constantemente, o ridiculariza, chamando-o de aleijado e inútil.

Quando a imagem da criança aparece para o grupo, Tarcísio, a exemplo de Zezinho, também se emociona e começa a chorar compulsivamente, sendo aconchegado pela Irmã Maria Rita.

Ambos se abraçam e retomam a atenção nas cenas projetadas pelas Irmãs sobre a história que ali se apresentava. Sob o olhar atendo de todos, a família chega àquela casa e bate palma e sua entrada.

Coronel Emiliano e Sinhá Ermengarda saem para recebê-los de forma ofensiva e grosseira. João diz:

– Boa tarde Coronel Emiliano e Sinhá Ermengarda. Pedimos desculpas por incomodá-los a esta hora.

Coronel Emiliano olha com desprezo para aquela família maltrapilha e diz de forma rude:

– O que vocês querem aqui? Não estão felizes por serem libertados. Olhe só o que aconteceu com vocês. Bem feito para todos!

– Por que veem nos perturbar em nossa casa? Não conseguem viver sozinhos? Passem fora daqui seus vermes pretos miseráveis.

Anastácio assiste a cena da janela do seu quarto devido a sua precária condição de saúde. João segura o ódio que sente ao ouvir aquelas palavras e diz:

– Coronel Emiliano, nos perdoe. Estamos aqui para trabucar. Desde que fomos embora, não conseguimos arrumar trabuco. Estamos como fome e necessitados, precisando de ajuda.

Coronel Emiliano fica indignado com as palavras de João e responde:

– Trabuco, você só pode estar brincando! Que trabuco o que? Jamais pagarei um vintém a qualquer um de vocês que foram embora daqui. Se querem ajuda, peçam para quem os libertou. Procurem os abolicionistas e a corja da mardita Princesa Izabel.

– O que desejo de todo o meu coração é que vocês todos morram de fome e doentes! Vocês são ingratos e miseráveis!

As crianças choram ao ouvir aquelas palavras. Anastácio tem o mesmo comportamento em seu quarto, não acreditando que o seu pai tinha coragem de falar e agir daquela forma. Sebastiana diz:

– Por favor, Coronel. Nós estamos famintos. Por favor, nos ajude. Nós não temos para onde ir.

Coronel Emiliano responde:

– O problema é de vocês. Lugar de cachorro é na rua. Passa! Sumam daqui! Fora! Vão latir em outra freguesia! Atrevidos! Que morram de fome! Fora daqui!

Sebastiana tenta tocar o coração do Coronel Emílio e sua esposa, dizendo:

– Mas, Coronel, o seu filho Anastácio está muito doente. Nós podemos ajudá-lo. Quem sabe não conseguimos que ele melhore e volte à vida comum.

Coronel Emílio novamente responde:

– Que ajudar o que? Nem os médicos conseguem. O meu filho é um inútil que não tem como ser ajudado. Maldita hora em que nasceu na minha casa.

– Um inútil que nem prestará para me substituir no futuro. Não presta para nada. Que

bom seria se ele morresse, assim não teria que ver a sua cara nojenta e não mais me daria despesas.

Anastácio ouve a fala do pai e começa a chorar em frente a janela do seu quarto. A tristeza toma conta do seu coração e sua esperança por dias melhores é reduzida.

João fica indignado com o que ouve e diz:

– Como o senhor pode nos tratar assim? O que te fizemos de mal? Nem o seu filho o senhor respeita. Como uma pessoa pode ser tão ruim assim?

Coronel Emiliano responde:

– Só o fato de vocês existirem me gera desconforto. Vocês são uma família desprezível. Sumam da minha propriedade, pois se voltarem aqui, mandarei matar todos vocês.

João vê os seus filhos humilhados chorando de fome e tristeza. A humilhação imposta por Coronel

Emiliano a sua família enche o seu coração de revolta e desejo de vingança.

Coronel Emiliano vê a expressão de João e continua:

– Por que está me olhando assim? Quem você pensa que é? Não passa de um verme, uma praga! Desejo que morram de fome pelas estradas!

– Que vaguem pelo resto de suas vidas! Miseráveis, sumam daqui! Dar trabuco o que? Eu perdi foi dinheiro com vocês! Vocês que tem que me pagar para ficar aqui! fora! Sumam da minha frente!

João olha para Coronel Emiliano e diz:

– Desejo que sua vida se transforme em um inferno! O amaldiçoo por todos os dias de sua vida. Que tudo o que faça não se concretize! Que você e

sua família sejam as pessoas mais infelizes de todas!
Que vocês percam tudo o que tem!

Coronel Emiliano fica indignado ao ouvir a
fala de João e responde:

– Como ousa me dizer isso, seu miserável?
Como se atreve a me insultar dentro das minhas
terras! Quem é você para me amaldiçoar! Fora daqui
seu pilantra, preto sujo!

Coronel Emiliano pega uma espingarda e dá o
primeiro tiro para cima e o segundo próximo à
família que se põe a correr com medo de serem
mortos. Ele ri quando os vê correndo, dizendo:

– Corram marditos, corram como galinhas
assustadas que é o que são! Corram, corram, corram!

E começa a atirar sem parar em direção à
família, se divertindo com seus tropeços e medos. A
sua esposa, Sinhá Ermengarda, disfarça o sorriso,

se divertindo interiormente com a situação. Ela nutre secretamente ciúmes dos olhares do seu marido para Celestina.

Temia que se a família voltasse para a fazenda, seu marido com ela tivesse um caso, gerando mais filhos bastardos.

Quando a noite chega, Coronel Emiliano chama dois dos seus empregados. Eles são temidos na região, dada a crueldade de suas ações. A ausência de leis no período permite que eles matem a quem quiser, sem qualquer punição.

Cuco e Bento se aproximam e Coronel Emiliano diz:

– Vocês viram como a família de João teve a coragem de me tratar na minha própria casa? Que insolência! Que pilantras! Vagabundos!

Ambos respondem:

– Vimos sim. O que o Coronel quer que façamos? Tal ofensa não pode ficar impune. O que nos mandar, considere cumprido.

Coronel Emiliano responde:

– Quero que vocês vão atrás desses miseráveis na estrada e armem uma tocaia para todos. Quero todos mortos e pendurados em uma árvore como exemplo a todos atrevidos que venham a me procurar no futuro. Os matem da forma mais cruel que existir.

Espalhem um recado para toda a vila, dizendo que quem os tirar das árvores, será considerado meu inimigo e jurado de morte da mesma forma.

– Não poupem nenhum deles. Matem primeiro as crianças, depois a mãe e, por último, João. Eu quero que ele assista a morte de todos.

Cuco e Bento respondem:

– Considere feito, Coronel. O senhor terá ainda hoje a sua vingança. Todos serão mortos sem qualquer piedade. O senhor será ainda mais respeitado na região e ninguém ousará questionar.

– Caso algum abolicionista simpatizante desta gente venha falar alguma coisa do senhor, o mataremos também com toda a crueldade.

Anastácio ouve aquela conversa e desesperado procura a sua mãe, dizendo:

– Mamãe, o papai mandou matar a família que esteve aqui em casa hoje a tarde pedindo trabalho. Por favor! faça alguma coisa! Impeça que o papai prossiga com essa monstruosidade!

Sinhá Ermengarda, submissa ao marido, assume a condição de cumplicidade, diz:

– Eu não posso fazer nada, Anastácio. Aqui quem manda é o seu pai. Ele decidiu, está decidido,

e pronto. Volte para o seu quarto e não toque mais neste assunto. Não ser que queira apanhar e ser xingado novamente pelo seu pai.

Anastácio insiste com a mãe, dizendo:

– Mamãe, eu brincava junto com Joana, Celestina e Pedro. Eles eram os únicos amigos que eu tinha. Todos os outros me desprezavam pela minha condição de saúde.

– Pedro estava sempre em meu quarto e juntos sonhávamos com um futuro em que as pessoas não teriam preconceitos e seriam amigas.

– Por favor, não deixe isso acontecer. Peça para o meu papai cancelar a ordem. Não deixe que eles os matem. Ele vai ouvir a senhora. Ajude-os, mamãe.

Sinhá Ermengarda responde:

– Não tem o que eu possa fazer, Anastácio. A decisão já foi tomada. Muitos que aqui estão na fazenda ouviram a conversa deles com o seu pai. Se não agir assim, ficará desmoralizado e todos o atacam. É uma questão de honra e a autoridade, entenda isso.

Anastácio começa a chorar e sai dali correndo para o seu quarto. Tão logo ele se retira, Sinhá Ermengarda começa a rir da situação.

Na realidade, a sua submissão esconde a sua verdadeira face. Ela pensa da mesma forma que o seu marido, e aprova todas as suas ações. O pensamento de um corresponde ao do outro.

O ciúme que sente da beleza de Celestina a impulsiona a desejar a morte daquela família como um desejo interior de vingança. Ela sabe que o marido a trai com as mulheres da vila, algo comum

no período em questão. Como vingança, se deita com empregados da fazenda e viajantes.

Todos sabem do ocorrido, mas evitam comentar com medo de serem mortos. Eles são um casal de fachada, tal qual muitos do período. Anastácio, de moral elevada e grande desenvolvimento espiritual, encarnara para ajudá-los em seu desenvolvimento moral.

A doença do filho foi a forma encontrada pela espiritualidade para aproximá-los uns dos outros pelo amor. Contudo, o livre arbítrio dos seus pais possibilitou que permanecessem em erro, reprovando-os em suas expiações.

A emboscada

João, Sebastiana, Joana, Celestina e Pedro caminham pela estrada sem imaginar o que lhes esperava. A estrada é fechada por árvores e mata nos dois lados. Ela é estreita, permitindo passar apenas uma carroça de cada vez. Eles não sabem para onde ir e caminham sem rumo, guiados pela vida.

A noite começa a chegar. Sebastiana, ao observar o silêncio e o olhar cheio de ódio de João, diz:

– João, porque vosmecê está tão quieto? O que está pensando?

João responde:

– Estou a pensar no que aquele mardito nos falou em sua casa. Nós não somos animais,

Sebastiana. Ele não pode falar conosco daquela forma. Tenho vontade de voltar lá e acertar as contas com ele.

Sebastiana responde:

– Deixa isso para lá, João. O que você conseguiria? Só traria mais tragédia para as nossas vidas. Você tem razão em estar assim. Todos nós estamos nos sentindo tristes e desamparados.

– Tenho fé que tudo dará certo. Vamos ter calma que as coisas se ajeitarão. Não temos o que fazer agora. Imagine, com o ódio que estavam de nós, se eles nos aceitassem ali. A nossa vida seria um inferno. O preço do prato de comida que nos dariam seria muito alto.

– Apesar de estarmos fracos e famintos, somos livres para ir e vir. Estamos todos juntos. Isso é o que importa. Tira isso do seu coração, para de sofrer.

João responde:

– Ele nos humilhou na frente dos nossos filhos. Pode ter certeza, eu ainda ei de me vingar um dia.

Sebastiana diz:

– A vingança não leva a lugar algum. Ela apenas escraviza o seu coração e o deixa em ruínas. Vamos esquecê-los e seguir a nossa vida para frente. Nunca mais vamos vê-los. Que sejam felizes.

João fica em silêncio e as crianças ouvem a conversa e abraçam dizendo:

– Pai, o senhor é o nosso herói. Nos te amamos com todas as forças. Nada do que digam fará mudar o amor que sentimos pelo senhor. Deixa isso para lá!

Quando ouve essas palavras, Zezinho se emociona e começa o chorar no colo da Irmã Maria

Beatriz, sendo confortado por todo o grupo que assiste à história.

O crepúsculo da noite começa a chegar e um tom tenebroso e enigmático começa a rondar os envolvidos. Cuco e Bento observam como chacais o movimento inocente daquela família que nem imagina o que o futuro a reserva. Cuco diz a Bento:

– A família está perto. Olhe só, eles pararam para dormir perto do rio. Dá para ver daqui a fogueira que fizeram. Vamos esperar eles dormirem e aí pegamos todos sem resistência.

Bento sorri e começa a afiar o seu facão. Ambos carregam as suas armas, aguardando o momento certo. Ambos imaginam o que fazer com as duas filhas antes de matá-las.

A ideia era violentá-las e depois matá-las. Celestina, com sua beleza cativante, seria o alvo principal dos matadores.

A noite se aprofunda e a família pega no sono. Bento e Cuco se aproximam sorrateiramente, sem fazer qualquer barulho. Acostumados com matanças em tocaias, aquela forma de agir é comum em suas vidas, pois fazem isso cotidianamente.

Quando ali chegam, pegam todos dormindo, desarmados e desprotegidos.

Todos são imobilizados. Bento e Cuco abusam de Joana e, principalmente, de Celestina, urrando como animais no meio do mato. Ambos mutilam Celestina de todas as formas. Em seguida as degolam sem qualquer piedade.

Pedro tenta fugir, mas é alvejado pelas costas e desencarna instantaneamente. João e Sebastiana se veem indefesos.

Sebastiana é violentada e morta em seguida, sob os olhos de João. Em último esforço, João se desvencilha das amarras e tenta partir para cima de Bento e Cuco. Ele recebe o primeiro tiro e fraqueja. Antes do último tiro, Cuco diz a João:

– Esta morte foi encomendada pelo Coronel Emiliano e a Sinhá Ermengarda. É para você saber quem é que manda. Ninguém desacata o Coronel em suas terras. Morra, seu mardito, morra!

E eles disparam em conjunto exterminando a vida de João, degolando-o em seguida. Todos os corpos da família são pendurados em árvores, tal qual a ordem do coronel e, com o tempo, começam a apodrecer. O cheiro fica insuportável. Mesmo os

abolicionistas tinham medo de retirá-los dali, pois temiam a retaliação do Coronel.

Zezinho assiste aquela cena e, novamente, começa a chorar compulsivamente. Ele é consolado por todos os membros da comitiva e, quando se acalma, pede para contar o que aconteceu.

– Pedro era o meu nome nesta encarnação e esta foi a minha última família. As lembranças de minhas irmãs gritando ao serem abusadas estão presentes até hoje em minhas lembranças. Eu queria ajudá-las, mas não conseguia. Era muito pequeno e não tinha forças para isso.

– Tentei correr e senti as minhas costas arderem e queimarem como fogo. As minhas pernas começaram a fraquejar, cambaleei e caí. Eu me lembro dos braços amigos que apareceram para ajudar a mim e minha família.

- De imediato, fomos desligados dos nossos corpos e não sentimos quando degolaram todas as nossas cabeças.

- Fiquei tão traumatizado com tal crueldade que, quando aqui desencarnado, resolvi adotar um dos nomes de minhas antigas encarnações. Por isso hoje me chamo Zezinho, e não Pedro.

- O final desta encarnação nos foi muito difícil. Quando fomos socorridos, estávamos todos desesperados e sem entender o que tinha ocorrido. Ficamos desorientados com tanta violência.

- Eu me recordo de acordar e sermos socorridos por um grupo de irmãos do bem, cujo líder se chama Miguel. Ele se aproximou de todos nós e nos pediu para que nos acalmássemos, pois não havia mais nada que deveríamos nos preocupar.

– Eu olhei para os lados e vi minhas irmãs e minha mãe. Contudo, não enxerguei onde estava o meu pai. Comecei a gritar em desespero pela sua presença, o que fui acompanhado pelos meus familiares.

– Miguel, em conjunto com aqueles irmãos amorosos, se aproximou de todos nós e disse:

– Acalmem-se meus amigos. Com o tempo encontraremos o seu pai.

– Em desespero, respondi:

– Por favor, nos ajude. Estamos desesperados. Procuramos nosso pai e não o encontramos.

– Miguel disse:

– Tenham calma. Nós o encontraremos no momento devido. Agora precisamos cuidar de vocês. Precisamos que deitem naquelas macas para que

possamos levá-los a um lugar em que serão atendidos com todo amor.

– Minha mãe, ainda desesperada, perguntou a Miguel:

– Onde está João, meu marido. Por favor, nos dê informações!

– Miguel olha de forma bondosa e paciente para minha mãe e responde.

– Precisamos agora cuidar de vocês. Vamos procurar o João e quando tivermos informações passamos de imediato a todos vocês.

– Agora, peço que se deitem na maca para que possamos ajudá-los. Entendemos a sua preocupação e desespero. Não tenham medo, tudo dará certo.

– Me lembro de que uma névoa de energia positiva se formou e eu e minha família fomos levados, acordando no interior do hospital de luz.

- Com o tempo, fomos nos recuperando e fazendo novos amigos. As nossas feridas foram curadas e nosso perispírito restaurado.

- Recordo-me quando visitei pela primeira vez o Jardim de Flores onde aqui estamos. Foi a visão mais bela que tive em toda a minha existência.

- As flores, as crianças brincando, a tranquilidade. Este é o lugar angelical mais belo que já conheci.

A vingança

Miguel não conseguiu resgatar João. O ódio e desejo de vingança por aqueles que mataram a sua família e seus respectivos mandantes impossibilitou que os mensageiros do bem os socorressem, deixando-o à mercê das forças trevosas que ali estavam presentes.

Ele acorda dias depois no mesmo local em que fora assassinado. A confusão impera em sua mente. Todos os corpos estão ali pendurados nas árvores, mas ele, em princípio, não consegue reconhecê-los.

Procura a sua família e não a encontra. Confuso, e sem saber o que estava acontecendo, é assediado por irmãos trevosos desejosos de vingança.

Ele vaga pela estrada à procura de sua família. Com as feridas dos projeteis que tiraram a sua vida,

sente fome e dores por todo o seu corpo, especialmente no seu pescoço que foi degolado.

No caminhar encontra Sebastião e Frederico. Ambos também nutriam ódio por Coronel Emiliano e veem em João a oportunidade viabilizar e sua vingança. Eles foram escravos mortos por espancamento no tronco por Coronel Emiliano e seus feitores.

Olham para João e se apresentam.

– Bom dia! Vemos que está perdido. Como é o seu nome?

– O meu nome é João. Estou confuso e não consigo encontrar a minha esposa e os meus filhos. Não lembro ao certo o que aconteceu comigo.

Sebastião e Frederico começam a conversar com João, esclarecendo todo os detalhes de como todos foram mortos, ressaltando a maldade de

Coronel Emílio e Sinhá Ermengarda e os crimes cometidos por Bento e Cuco a seu mando.

João se revolta quanto ouve aquele relato, ressurgindo em suas lembranças toda a tragédia. O ódio e o desejo de vingança despertam com todo o fulgor.

Sebastião e Frederico se aproveitam da fúria de João e arquitetam um plano de vingança contra o Coronel Emílio. Eles dizem a João:

– Vamos voltar para a fazenda do Coronel e transformar a vida dele em um inferno. Ele tirou a nossa vida e a dos nossos filhos, faremos a mesma coisa com ele e toda a sua família.

João responde:

– Como faremos isso? Ele é poderoso e rodeado de capangas. Nós não conseguiremos dele se aproximar.

Sebastião diz:

– Não se preocupe com isso. Nós estamos mortos. Aqueles que estão no mundo material não podem ver ou nos ouvir. Esperávamos a chegada de um terceiro como você, para fazermos o ataque conjunto sobre ele, a mulher e os empregados que cometeram o crime.

– A exceção do filho, estão todos comprometidos moralmente, sendo vigiados por nossos irmãos que clamam por vingança. É uma questão de tempo até que os façamos perder tudo e, aqui neste plano, concluirmos a nossa vingança.

Os três se materializam na fazenda do Coronel Emiliano. Um ano havia se passado, e Anastácio, o único filho do casal, estava muito doente. A chegada daquela comitiva de irmãos desejosos de vingança é acompanhada pela figura de Anastácio no leito, em seus últimos suspiros de vida.

No Jardim de Flores, Tarcísio emocionado narra os eventos que estão em curso.

– Esta criança sou eu. As tristes palavras do meu pai até hoje me machucam. Eu sofri muito naquela casa. Ali passei por muitas humilhações impostas pelo meu pai.

– A ignorância e perversidade daquele homem me traumatizou. Demorou muito tempo, para conseguir perdoá-lo, depois que desencarnei.

– Hoje, tenho apenas pena dele. Aquela encarnação era uma oportunidade de resgatarmos dívidas passadas que infelizmente foi perdida.

– Foi-me dito que esta seria a minha última encarnação. Eu aceitei a missão de ajudar Coronel Emiliano e Sinhá Ermengarda na vida presente.

– O desafio era imenso, visto que encarnariam com elevada condição financeira, facilitando a

continuidade dos seus erros do passado expressos na soberba e no orgulho.

– Eu tinha como missão conduzi-los em um novo caminho, mesmo com os desafios da condição terrena expressa na fartura e na riqueza.

– As minhas limitações físicas e doenças crônicas tinham como objetivo despertar os laços fraternos naqueles que seriam os meus pais, colocando elementos para que superassem as suas expiações passadas.

– A minha encarnação duraria no máximo 13 anos. Este seria o tempo em que meus pais se redimiriam, pagando com o bem o mal que fizeram no passado.

– Estava programado que sua fazenda, com a abolição da escravatura, seria um ponto que

acolheria centenas de famintos e desesperados, servindo de exemplo a todos os fazendeiros da região.

Os pais olham para Anastácio e um misto de arrependimento e indiferença aparece em seus corações.

A criança está acompanhada de espíritos de luz que ali estão para desligar o seu corpo. João olha aqueles espíritos e um deles se aproxima para com ele conversar. O seu nome é Miguel. Ele diz:

– Boa tarde. O que você faz aqui?

João responde:

– Estou aqui em vingança contra esta família maldita que assassinou toda a minha família.

Miguel ouve a explicação de João e tenta comovê-lo de tal ação. Ele diz:

– João, não faça isso. O desejo de vingança não o levará a lugar algum. Apenas o afastará da sua família que tanto o ama.

João responde:

– Você sabe onde está a minha família? Eu não consigo encontrá-los.

Miguel responde:

– Sim. Eles foram socorridos e estão em outro plano espiritual a sua espera. Enquanto você continuar com o desejo de vingança, não conseguirá encontrá-los. Venha conosco! Aproveite a oportunidade.

Miguel estende a mão o chamando para acompanhá-lo. João titubeia com a oportunidade e explicação. Sebastião e Frederico dele se aproximam e o envolvem em uma névoa de energia densa e negativa. O ódio explode novamente no coração de João e Miguel dele se afasta.

Anastácio desencarna com toda a tranquilidade sendo recebido por espíritos amigos e confiáveis. No Jardim de Flores, todos ficam emocionados com a passagem daquele menino tão querido por todos.

Eles se abraçam em comunhão e ninam Tarcísio. Tarcísio diz:

– Quando desencarnei, também usei um nome de uma antiga encarnação, Tarcísio. Anastácio foi sinônimo para mim de muito sofrimento e decepção. Infelizmente, não consegui cumprir a minha missão de ajudar a elevar os meus pais a um outro patamar moral.

Após o desencarne de Anastácio, todas as forças do bem que ali estão se retiram e a casa fica à mercê dos irmãos trevosos que anseiam por vingança. Eles observam as ações dos envolvidos para traçar estratégias e planos arrebatadores.

O trio começa a acompanhá-los para conhecer os seus hábitos e formas de viver. Tão logo o velório de Anastácio termina, o Coronel Emiliano vai para a vila em busca de casas de tolerância para satisfazer o seu prazer. Com ele estão os dois empregados.

Sinhá Ermengarda procura um funcionário da fazenda para também se satisfazer seus apetites sexuais.

Para ambos, a partida de Anastácio significou um alívio de responsabilidades, acreditando que suas vidas melhorariam se a presença de tão nobre criança. Mal sabiam que sem ele as poucas energias positivas deixariam de existir naquela casa.

Apesar de o casal promover a traição mútua, a sociedade brasileira mantinha rígidos padrões morais de submissão das mulheres aos desejos dos homens.

Caso uma traição fosse descoberta, a morte por defesa da honra era imediatamente posta em prática. Contudo, o traído, mesmo vingando a sua honra, ficava desmoralizado em toda a comunidade masculina da região.

É foi por ali que trio começou a agir. Primeiro, estudou os passos de todos e, depois, jogou uns contra os outros. O plano começou por Sinhá Ermengarda. A descoberta da traição destruiria Coronel Emiliano moralmente, facilitando a concretização da vingança.

Sebastião se aproxima de Sinhá Ermengarda e começa a intuí-la a nutrir desejos sexuais por Cuco. Ao mesmo tempo, João começa a embutir a na cabeça de Cuco os prazeres que sentiria caso se relacionasse com ela.

Este foi um processo fácil de se desenvolver, dada as condições morais inferiores de ambos. Era

apenas uma questão de tempo para que pudessem se encontrar. Conhecendo a rotina de todos, influenciaram para que ambos se encontrassem e começassem um romance.

foi assim que as saídas do Coronel Emiliano não eram mais acompanhadas por Cuco. Quando iam para os bordéis da vila, Cuco sempre inventava uma desculpa e ficava para trás. Ele esperava Coronel Emiliano ir para a cidade para se encontrar com Sinhá Ermengarda.

As noites de romance se davam na mesma cama que dividia o seu marido. O trio esperou paciente que as noites tórridas de amor se tornassem rotineiras. Assim, colocaram em prática a primeira parte da vingança para destruir Coronel Emiliano.

O Coronel estava no bordel sentado com Bento. Frederico se aproxima de Bento e diz em seu ouvido:

– Pergunte ao coronel o motivo de Cuco não mais acompanhá-lo do Bordel. Induza que ele desconfie da sua esposa. faça isso!

Bento cumpre a determinação à risca.

Frederico continua o processo de obsessão. Diga para ele que desconfia que Cuco está apaixonado por uma linda e prendada mulher da fazenda. Diga para ele! Diga para ele!

Com os dizeres de Bento, Coronel Emiliano fica ressabiado e desconfiado. João se aproxima do Coronel e sopra nos seus ouvidos.

– A única mulher linda e prendada que existe na fazenda é Sinhá Ermengarda. Acho que Cuco está dormindo com a minha mulher.

João começa a repetir constantemente esta afirmação na mente de Coronel Emiliano. A

obsessão é tão forte que ele começa a desconfiar de sua esposa.

O trio se diverte entendendo que seu plano de vingança era exitoso. Agora era fomentar a discórdia e construir uma situação para que o Coronel flagrasse a sua esposa com Cuco em pleno ato de traição, o que custaria a morte dos dois.

É isso foi posto em prática. Coronel Emiliano estava tão desconfiado que fingiu que iria para a Vila para tentar flagrar em sua mulher em traição. Ele precisava saber se aquilo era uma cisma sua, ou se realmente correspondia à realidade.

O trio entra em ação e ataca Coronel Emiliano, Cuco e Sinhá Ermengarda ao mesmo tempo. Nos dois últimos, nutre o desejo sexual para mais um encontro sexual. Em Coronel Emiliano, almeja o desejo de colocar em prova a sua cisma.

Coronel Emiliano, acompanhado por João, finge que vai sair para a Vila. João acompanha todos os seus passos, induzindo o horário que deveria sair e como deveria se esconder. Aconselha que seja acompanhado por Bento para que tivesse uma testemunha do ocorrido. Caso não encontrasse o casal junto, inventariam uma desculpa qualquer e seguiriam a vida.

Ambos fingem sair e se escondem dentro de um grande armário que existe no quarto de Sinhá Ermengarda e Coronel Emiliano. Ali eles esperam acompanhados pelo trio vingativo desencarnado.

Tão logo percebem que o plano de vingança dará certo, centenas de espíritos sofredores ali se aproximam para irem à forra de Cuco e Sinhá Ermengarda.

A noite se instaura e Sinhá Ermengarda fica deitada com roupas íntimas aos olhares de Coronel Emiliano e Bento que estão escondidos no armário.

A porta se abre a uma figura masculina adentra ao quarto. Era Cuco que imaginava ter mais uma noite de amor. Sinhá Ermengarda diz:

– Como você demorou! Estou ansiosa por você. Não via a hora de você chegar.

– Você é muito mais homem do que o meu marido, aquele frouxo do Emiliano. Eu estou apaixonada por você.

– O que você acha de fazermos um plano para matá-lo? Eu herdaria a fazenda e me casaria com você, transformando-o em um novo e temido Coronel.

Cuco responde:

– Estava esperando o corno do seu marido se afastar da fazenda para vir ficar com você. Agora

você verá o que é um homem de verdade, não aquele frouxo do Coronel Emiliano.

Ele fica emocionado com a proposta de Sinhá Ermengarda e responde:

– Podemos sim fazer um plano para matá-lo. Ele só tem pose e sempre contrata gatilhos de covardes para fazer o serviço que ele não tem coragem. Não passa de um homem frouxo. Não merece uma mulher como você!

– Vamos fazer uma tocaia e matá-lo!

João sopra no ouvido de Coronel Emiliano:

– Está vendo quem eles são. Eles querem e vão matá-lo. Usa a sua mulher e quer tirar a sua vida.

Coronel Emiliano se enfurece quando ouve os dois planejarem a sua morte. Ele tem o impulso de partir para cima dos dois de imediato. João percebe e se diverte dizendo:

– Espere um pouco. Espere eles se pegarem na cama. Se sair agora, eles negarão, dizendo que tudo foi um mal-entendido. Espere um pouco.

Coronel Emiliano segura a sua fúria de homem traído e passivamente atende à obsessão imposta por João.

O casal se entrelaça em beijos e abraços, fazendo juras de amor um para o outro. O coronel olha para Bento que disfarça o ar satírico. Em seu pensamento, estava se divertindo com a situação.

João sopra novamente no ouvido de Coronel Emiliano:

– Agora chegou a hora de sua vingança. Saia do armário com Bento e mate os dois:

Coronel Emiliano abre o armário com toda a força para o desespero do casal. Aquela noite de amor carnal se transformara em um inferno na terra

para os amantes que acreditavam que seu relacionamento era secreto.

Os dois se aproximam do casal. Coronel Emiliano dá a ordem para Bento e ele atira matando o casal. O desencarne é imediato e as centenas de irmãos trevosos que ali estão os aprisionam para saciar os seus desejos de vingança.

Coronel Emiliano se afasta da cama e pede para que Bento descarte os dois corpos no rio. Em seu entendimento, eles não tinham direito a qualquer enterro digno. O empregado cumpre de imediato a ordem e some com o corpo dos dois.

O coronel se sente diminuído perante si mesmo e todos os outros homens. O trio dele se aproxima e começa a implantar idéias suicidas em sua cabeça. Eles dizem em seus ouvidos.

– Que porcaria de homem você é. Olha só, foi traído por um simples empregado. Você é desprezível, o pior dos seres humanos. Um corno manso, menos homem do que qualquer outro. Você não vale nada. Não merece viver. Não tem honra alguma.

Ho mesmo tempo, influenciam Bento a contar por toda a vizinhança o ocorrido, visando desmoralizar o Coronel perante todos os outros homens.

Bento faz isso com prazer. A notícia se espalha pelos quatro cantos da Vila, chegando a todas as fazendas da região. Coronel Emiliano vira alvo de piadas e risos por todos os cantos e sua autoestima desmorona.

Nem por isso a sua crueldade diminui. Continua pequeno e mesquinho. Bebe cada vez mais e seus negócios começam a desmoronar. A sua fazenda vai de mal a pior e ele empobrece a cada dia.

No Jardim de Flores, todos assistem a decadência dos pais de Anastácio. A sua mãe vagando e sendo perturbada por irmãos trevosos que a escravizaram para terem a sua vingança; Da mesma forma, Cuco, que se transformara em vítima daqueles que tirou a vida.

Eles veem Coronel Emiliano, na companhia de Bento, entrarem no bordel. O desprezo e desmoralização pelo Coronel aumentou em larga escala. O trio vingativo se prepara para a segunda etapa da vingança e centenas de irmãos trevosos ali se apresentam.

Coronel Emiliano e Bento começam a se embriagar e se tornam inconvenientes.

Um bêbado, cujo nome é Paulo, passa perto dos dois e esbarra no Coronel. Paulo é gordo e baixinho, tendo por volta de 1:60 metros de altura. Seus cabelos são pretos. Usa roupas surradas da

lavoura e seu cheiro é insuportável, exalando por seus poros a grandes doses de cachaca que costuma tomar.

Coronel Emiliano se revolta e ofende aquele que esbarrou. Sebastião sopra no ouvido Paulo:

– Diz que ele não é um homem, mas sim um frouxo traído por sua mulher. Afirma que ele não tem nenhuma condição moral para ofendê-lo, pois não passa de um corno manso.

Paulo repete as falas de Sebastião e a confusão se generaliza. O trio vingativo se diverte com tal situação, estimulando as palavras de baixo calão e o conflito. João sopra no ouvido de Paulo.

– Diga que foi Bento quem contou que o Coronel Emiliano pegou a mulher na cama com outro homem. Diga que foi isto que aconteceu.

Aponte para o Bento, e diz que foi ele que contou e o ridicularizou em todos os cantos. Que ele o traiu.

Paulo obedece a imposição de João, repetindo-a com todas as letras. Coronel Emiliano se revolta e pega Bento pela camisa. Bento, também embriagado, se desvencilha do Coronel e grita:

– Tudo o que este bêbado inútil falou é verdade. Quer saber, o senhor não passa de um corno manso que foi traído pelo seu próprio empregado. A sua mulher o trocou por um reles empregado. O senhor é um coronel frouxo e decadente. Nem as quengas aqui do Bordel querem deitar com o senhor.

Todos começam a rir de forma debochada. Os desencarnados ali presentes, em busca de vingança, se abraçam sedentos pelo desenrolar dos acontecimentos. Coronel Emiliano, saca a sua faca, sendo acompanhado por Bento.

Todos que ali estão incentivam a briga que se inicia. O trio vingativo, agora acompanhado por todos aqueles irmãos trevosos, incluem nos pensamentos dos dois o desejo de uma luta até a morte.

Eles se atracam em começam a se esfaquear de forma mútua. Ambos perdem os sentidos e desencarnam dentro do bordel.

Tão logo o processo de desencarne se dá, todos aqueles irmãos trevosos resgatam os dois espíritos escravizando-os de imediato. Um longo período de tormenta tem início na caminhada de ambos.

Irmã Maria Rita pergunta para Tarcísio.

– Você tem notícias de como estão os seus pais atualmente?

Tarcísio responde:

– Ainda vagam pelas zonas mais profundas do Umbral. Algumas vezes, tentei deles me

aproximar, mas fui duramente rechaçado. Eles guardam a frieza e maldade de quando estavam encarnados.

– O meu pai vive em guerra e conflito constante. Muitos dos escravos e pessoas livres que ele mandou matar o caçam com desejo de vingança. Ele ainda está longe de qualquer redenção e arrependimento. Ainda demorará muito tempo para se arrepender e ser resgatado.

– A minha mãe continua fútil e invejosa, tal qual encarnada. É constantemente perseguida pelas mulheres que humilhou e as traições que proporcionou.

– Ambos estão distantes de qualquer processo de redenção. Ainda vagarão muito tempo pelo Umbral. Sonho com o dia em que eles se arrependam e retomem o seu caminho evolutivo.

– Gostaria muito de socorrê-los. Sempre conversei com Miguel sobre esta possibilidade. Mas, ele me diz que isso ainda não é possível.

Irmã Maria Beatriz diz:

– Para Deus tudo é possível e, no momento certo, serão resgatados e continuarão os seus caminhos evolutivos. Tenhamos fé, Tarcísio.

Irmã Maria Rita diz:

– Com a nossa pequenez, temos dificuldade em entender a abrangência dos desígnios de Deus. Tudo dará certo. Apesar da crueldade daqueles que foram os seus pais em sua última encarnação, a essência divina está adormecida em seus corações. Com o tempo, ela despertará e o amor triunfará.

O alvorecer de João

Tão logo a vingança termina, João, Sebastião e Frederico assistem os dois espíritos serem consumidos pelas trevas. O ambiente escurece e o bordel, já acometido por energias trevosas, vê aqueles espíritos serem levados acorrentados por todos aqueles desejosos de vingança.

No Jardim de Flores, o silêncio impera diante daquela cena dantesca assistida por todos. Zezinho olha para todos e começa a narrar a sequência que se deu ao desencarne daqueles irmãos. Ele diz:

– Quando eu, minha mãe e minhas Irmãs desencarnamos, acordamos em um lugar de luz repleto de amigos de outras encarnações. Muitos parentes a nós se apresentaram, bem como mentores que por toda a nossa vida nos acompanharam.

– Nos foi explicado todo o ocorrido e trágico final da nossa vida. Os conflitos de minha família com a do Coronel Emiliano vinham de muitas encarnações passadas. Guerreamos em tribos rivais, disputamos terras longínquas e riquezas.

– O ódio entra nossas famílias era tão grande que aqui, no plano espiritual, se elaborou um plano para começar a reduzi-la.

Tarcísio diz:

– A ideia era que nos aproximássemos pelo amor. A proximidade minha e de Zezinho, espíritos amigos de tantas encarnações passadas, constituiria uma ponte entre as duas famílias diminuindo as diferenças passadas.

A nossa amizade seria um exemplo de confiança e do bem que influenciaria a todos construindo laços sólidos de amor no futuro.

– Contudo, isso não ocorreu. Ambos sucumbiram à luxúria e vaidade. Em vez de cuidarem de mim, desenvolvendo o amor, fraternidade e benevolência, fugiram de suas responsabilidades, me vendo como um fardo e não como um filho amado.

– Infelizmente, todos ainda vagarão por muito tempo pelo Umbral, visto que não demonstram qualquer sinal de arrependimento de suas ações.

O grupo novamente se concentra e a névoa ecoa com a continuidade da história de João.

Tão logo terminou a vingança, o tríó vingativo se separou e nunca mais se encontrou. Cada um seguiu um caminho diferente. Sebastião se arrependeu e foi socorrido. Frederico desapareceu pelas camadas mais profundas do Umbral e João ficou sozinho.

Ele começou a sentir, algo muito comum naqueles que realizam a vingança, um vazio de objetivos. Procurou por sua família, mas não a encontrou. Não conseguia entendimento e respostas para o ocorrido. O seu maior desejo era estar com seus entes queridos. A sua tristeza aumentou.

Ele vagava de um lado para outro sem saber onde estava. Quanto mais perguntas tinha, menos respostas encontrava. Sentia-se ignorante perante a sua vida. A tristeza e saudade começou a amolecer o seu coração.

Muitas vezes a vingança acaba por esconder nossas verdadeiras virtudes, sendo preciso um solavanco da vida e dos acontecimentos para que elas se manifestem.

Zezinho começa a narrar o que aconteceu com João.

– Muitos anos se passaram. Eu me preparava aqui no plano espiritual, estudando e aprendendo coisas novas. O espírito que foi a minha mãe e aquelas que foram minhas Irmãs encarnaram em novas vidas terrenas.

– Foi-me dito que com o meu estágio evolutivo, eu não mais precisaria encarnar no mundo terreno. Agora cresceria e atingiria novas fases de minha existência.

– Contudo, ainda tinha preocupações com o meu pai. Sempre procurava notícias, mas, dificilmente as tinha. Até que um dia, fui chamado pelo irmão Vasconcelos, um grande mensageiro e socorrista para uma missão.

Irmão Vasconcelos era grande e garboso. As suas formas lembravam a dos antigos vikings, resultado de suas encarnações passadas. Ele intimidava quando visto à primeira vista. Contudo,

a doçura de sua forma de encarar o mundo e se relacionar com as pessoas encantava todos que estavam a sua volta.

– O irmão Vasconcelos disse:

– Zezinho, seja bem-vindo. Eu ainda não o conhecia, mas sempre tive boas notícias de você. É um prazer te conhecer, criança querida. É chegada a hora de socorrermos uma pessoa muito especial, que eu sei que te preocupa há muito tempo.

– O meu coração se acelerou imaginando quem seria e perguntei ao irmão Vasconcelos se era aquele que tinha sido o meu pai em minha última encarnação terrena.

Irmão Vasconcelos disse:

– Sim, Zezinho. Chegou o momento. Ele está se sentindo muito triste e sozinho. O seu coração se

abriu e ele se arrependeu da vingança que promoveu, algo que te contarei depois.

– Precisamos que você nos acompanhe, pois será fundamental para a nossa aproximação.

A comitiva assiste no Jardim de Flores a narrativa de Zezinho em seu diálogo com o irmão Vasconcelos que continua.

– Apesar de seu coração ter amolecido, ele ainda está mergulhado nas trevas da ignorância da condição da vida. Temos receio que ele se assuste com a nossa presença. Por isso precisamos de você como um farol que nos permitirá resgatá-lo.

– Irmão Vasconcelos, eu me ofereço com muito prazer para realizar este trabalho. Quando faremos tal tarefa?

Irmão Vasconcelos responde:

– Amanhã, logo no raiar das primeiras luzes do sol. Nos encontraremos aqui e seguiremos em conjunto para encontrar com aquele que foi o seu pai. Te adianto que não se impressione quanto vê-lo, pois ele está muito triste e debilitado.

Zezinho continua a narrar a história:

– Amanhece e todos nos encontramos para realizar tal tarefa. De imediato, nos aproximamos de um lugar rústico e cheio de pedras, estando ali sentado sozinho e pensativo aquele que foi meu pai quando encarnado.

– O grupo olha para mim e pede que eu me apresente para ele devagar. Plasmei uma forma de antigas encarnações, para depois me apresentar como seu filho.

– Com uma forma de uma pessoa bem mais velha e dele me aproximei. O que vejo é um homem

triste, sofrido, maltrapilho e cheio de feridas. Os tiros que recebera quando do seu desencarne ainda causavam feridas em seu perispírito, dado o vínculo carnal que tinha com seu corpo material que não mais existia.

– Eu me aproximo e digo bom dia. Ele me olha sem energia e balança a cabeça de forma afirmativa.

– Olho dentro daqueles olhos e não vejo vida e energia. A tristeza tomara conta de todos os seus sentimentos e emoções. Ele mais parecia um casulo sem vida.

– Como você está, pergunto eu.

– João responde:

– Estou me sentindo muito só e triste. Tenho muita saudade de minha família, da minha esposa e dos meus filhos.

– Pergunto a ele o que aconteceu com todos? Ele narra toda a história. Quando a ouço pergunto se ele tem algum arrependimento da vingança que cometeu contra o Coronel Emíliano, sua esposa e empregados. Ele olha no fundo dos meus olhos e diz:

– No começo foi muito divertido. Me sentia com novas energias e vingado. Poderoso em destruí-los. Com o tempo, depois do desencarne de todos, minha vida perdeu o sentido. Percebi que a vingança não nos leva a lugar algum.

– O fato de eu ter deles me vingado não diminuí a saudade da minha família que nunca mais encontrei. O que percebi foi que todo o ódio que nutri por aquelas pessoas, com a vingança, acabou por me transformar em alguém semelhante a elas.

– O que me difere delas. Nada, meu amigo. Eu agi de forma igual. E isso me fez ficar sozinho e triste como estou agora.

Zeinho pergunta:

– João, me diga, qual é o seu maior sonho?

João responde:

– Encontrar a minha família. Caso conseguisse voltar ao passado, teria partido junto com eles e abandonado a vingança. Este desejo acabou por me separar daqueles que eu mais amo.

– Tentei fazer justiça com as minhas próprias mãos e hoje compreendo que a justiça não se limita aos homens, mas sim a Deus. O manto de juiz posto em nossas costas é muito pesado para carregarmos. Acredite nisso, meu amigo.

A comitiva do Jardim de Flores assiste aquela cena movida por profunda emoção.

– Eu comecei a chorar e devagar minha aparência foi se transformando, voltando a ser o

Zezinho que havia sido o seu filho em sua última encarnação.

João olha para aquele filho tão amado e começa a chorar compulsivamente.

– Meu filho, meu filho amado. Meu filho querido. Você voltou para mim! Muito obrigado Jesus. Muito obrigado.

– Papai, papai, eu te amo! Que saudades estava de você. Que bom que estamos juntos novamente.

– Nós nos abraçamos em comunhão profunda. Somamo-nos à comitiva de socorristas capitaneada pelo Irmão Vasconcelos e retornamos à pátria espiritual.

– O meu pai ficou no hospital de luz por muito tempo para se curar das chagas de sua vida encarnada. Estudou em preparação para uma nova

encarnação. Hoje está encarnado no interior da Bahia, tendo uma vida simples, mas com muito amor.

– Quando posso, vou visitá-lo. Ele ainda é uma criança e pensa que sou um amigo invisível. Ele tem mediunidade de vidência que ainda não foi desenvolvida.

– Está planejado que ele seja um adulto muito honesto que fará o bem para muitas pessoas. Eu, sempre que permitirem, estarei perto para ajudar.

– Quanto a trabalhar com a sua mediunidade, dependerá muito do seu livre-arbítrio. Espero que os rumos tomados sejam os melhores possíveis.

Todos olham uns para os outros e dizem coletivamente:

– Que assim seja...

Francisca e Maria flor

Todos ficam emocionados com a história que acabaram de presenciar. Tarcísio e Zezinho se abraçam reforçando os laços de amizade construídos por milênios de existência. As Irmãs do Sagrado Coração de Jesus olham uma para as outras e transbordam alegrias com o final de uma história trágica que teve um final tão lindo.

Todos os membros da comitiva olham para Francisca e Maria flor e pedem licença a elas para contarem as suas histórias. Francisca começa a chorar dada as lembranças do passado.

Irmã Maria Rita olha para ela e diz:

– Francisca. Caso você não se sinta bem em revelarmos a todos a sua história, nós paramos por

aquí. Não é o nosso desejo te magoar, nem tocar em questões que possam te machucar.

Francisca responde:

– Esta encarnação foi muito difícil para mim. Até hoje busco respostas para tudo o que aconteceu. Olho para o passado e me lembro de Maria flor, que está aquí ao meu lado, como minha única amiga querida.

Irmã Maria Luísa e Maria Beatriz reforçam a pergunta da Irmã Maria Rita, deixando Francisca à vontade para tomar a decisão. Neste ínterim, Maria flor se aproxima de Francisca e diz:

– Francisca, precisamos superar esta passagem de nossa existência. Acredito que se dividirmos com a comitiva, a tristeza sairá de seu coração, encontrando respostas para tudo aquilo que aconteceu.

Francisca olha para Maria Flor e responde:

– Você tem razão minha amiga querida. Chegou o momento de superarmos tudo o que aconteceu no passado. Precisamos seguir em frente e aprender com tudo aquilo que acontece a nossa volta.

Todos se abraçam e as Irmãs novamente entram em comunhão e uma névoa começa a se apresentar diante de ambos.

O final de século XIX se apresenta diante de todos. A mesma vila que foi palco da tragédia da família de João e Zezinho novamente é mostrada a todos. As carroças perambulam pelas ruas e o foco se dá no centro da vila.

As pessoas circulam pelas ruas contando novidades e socializando opiniões. O período em questão aponta para profundas mudanças

estruturais que afetam a economia, a cultura e a política.

As mudanças na Europa influenciam o Brasil. Com elas, ideias de liberdade e ascensão social oriundas do liberalismo afetam as formas de viver e pensar de grandes coletivos humanos.

Alguns estudantes, filhos de fazendeiros abastados, são enviados para estudar em grandes universidades europeias, merecendo destaque, Paris, na França. Dali, voltavam ao Brasil, sendo muitos deles formados em Direito e Medicina, os doutorezinhos como eram chamados pela população local.

As liberdades em relacionamentos conjugais e fuga aos rígidos padrões de convivência imperantes até então entravam em choque a cultura local.

A comitiva assiste o desenrolar dos eventos e a história de Mário se apresenta. Quando ele se materializa aos olhos de todos, Francisca começa a chorar de forma copiosa.

As Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz a abraçam e a consolam, perguntando se poderiam continuar com a explanação das imagens. Maria Flor se aproxima de Francisca e a abraça carinhosamente. Francisca diz:

– Podemos sim continuar. Peço desculpas pela minha emoção. A retomada destes eventos ainda é muito difícil para mim.

A história de Mário tem continuidade. Ele é filho de um dos fazendeiros mais eminentes da região, o herdeiro que controlaria toda aquela imensidão de terras.

Contudo, seus sonhos se centram para longe da Vila. Ele sonha em ser médico na Europa. É um dos jovens mais cobiçados por todas as mulheres da região. Ele é alto e usa roupas de grife de última moda conhecidas no Brasil.

Os seus olhos são azuis e seus cabelos loiros encaracolados. Ele é magro e vistoso, chamando a atenção por onde passa. Todos o conhecem e admiram.

Quando fez 18 anos, começou a colocar em prática o seu sonho de ser médico. Até então, estudará nas melhores escolas e com os melhores professores de toda a região.

Atendendo aos apelos do filho e, com o coração partido, enviam Mário para estudar medicina na França. Aquela viagem de estudos, com tudo custeado pelos seus pais, transformou a vida de Mário.

Ele teve contato com toda a cultura europeia, convivendo com alunos e amigos de todos os cantos do planeta. Acompanhado de seus estudos, começou, de forma gradativa, a aderir à noite parisiense. Aquele menino bom e tímido da fazenda se transformara em um galanteador que namorou dezenas de garotas sem compromisso em sua estada na França.

Na vila, a vida seguia como de costume. As meninas se transformavam rapidamente em mulheres, como um desabrochar de flores. Influenciadas pela cultura local e suas famílias, sonhavam em constituir família, arrumando bons casamentos.

Margarida é um desses exemplos. Ela é morena clara, com traços portugueses claros em sua anatomia. Os seus cabelos e olhos são castanhos escuros. Ela é magra e com aproximadamente 1:55

metros de altura. Usa vestidos bonitos, similares aos das meninas da vila.

A ambição é a marca da sua existência. Ela se sente mais bela do que todas as outras jovens mulheres. Sentia-se inteligente e talhada ao sucesso em sua vida.

Não tinha nenhuma indulgência para com os pobres e pretos recém-libertos, comportando-se, a exemplo da maior parte dos habitantes da vila, com falta de respeito e desprezo sobre aqueles que ela achava inferiores.

Os anos se passam e Mário vive a contento em Paris. Divide os estudos de medicina com as farras na madrugada, estudando aquilo que apenas aquilo que é possível. A sua formatura se aproxima e ele pensa em nem mais voltar ao Brasil.

Ho enviar carta aos pais consultando-os sobre a possibilidade de viver definitivamente em Paris, recebeu resposta negativa e de repreensão. Os pais dizem que se ele não voltar ao Brasil após a formatura, será deserddado.

Mário atende à imposição dos pais e retorna a contragosto ao Brasil. Os seus trajes franceses repletos de lenços e babados contrastavam com os dos rapazes no Brasil.

Ele desembarca no porto de Santos, após semanas de viagem e, de imediato, retorna à casa de seus pais.

A sua chegada foi marcada por grande alegria por todos amigos e moradores da região. O prestígio em ser filho do fazendeiro mais rico da região, acompanhado por ter mais um médico na vila, motivou a todos.

A notícia de sua chegada se espalhou como poeira ao vento. As jovens mulheres da região, incentivadas por suas famílias, sabendo que um solteiro rico estava disponível, se motivaram em conseguir um relacionamento que poderia levar a um futuro casamento.

Margarida é uma dessas mulheres. O seu extinto de soberba e vontade de se dar bem na vida a qualquer custo, a motivou a tentar uma aproximação de Mário que sequer ainda conhecia.

Mário, por sua vez, tinha dificuldade em se adaptar a sua nova vida. As noitadas de Paris faziam falta em seu cotidiano de vida. A vida simples da Vila ia de encontro a um jeito de vida cosmopolita que se infiltrara em suas formas de pensar, agir e conceber a vida.

O amor livre e sem compromisso em Paris se contrastava com o jeito simples de viver das pessoas em sua volta.

Com a ajuda dos seus pais, Mário monta um consultório médico e começa a atender pacientes de toda a região. Ele é um clínico geral que atende diferentes patologias, independente de gênero.

Quando o seu consultório foi aberto, Margarida percebeu a possibilidade concreta de conhecê-lo e abordá-lo. A sua intenção é seduzi-lo para conseguir um bom casamento, transformando-a em uma das mulheres mais ricas e bem sucedidas da região.

Ela coloca a sua roupa mais bonita e inventa uma doença para os seus pais e consegue autorização para ir se consultar com Mário.

O encontro de Mário e Margarida

O consultório de Mário foi montado com o que tinha de mais belo e moderno no período. As cortinas são brancas e longas. As cadeiras de madeira e couro vermelhas. A mesa é de madeira maciça e a maca, onde examinava os pacientes, feita do mais nobre aço.

Em uma manhã ensolarada, Margarida se dirige ao consultório de Mário para ser atendida. A sua beleza é estonteante, chamando a atenção por onde passava na rua.

Quando ela é anunciada para entrar no escritório, Mário se surpreende com tamanha beleza de Margarida que se apresenta em sua frente. Ele diz:

– Bom dia. Seja muito bem-vinda. Por favor, se sente. Como é o seu nome?

– Meu nome é Margarida.

– Como posso ajudá-la, Margarida?

Margarida finge estar com dores e diz:

– Eu tenho sentido muitas dores de cabeça, Doutor Mário. O calor que faz aqui na Vila tem tirado a minha disposição. O senhor consegue saber o porquê disso e como posso me livrar destes sintomas?

Mário responde:

– Preciso examiná-la primeiro. Por favor, deite-se na maca para que eu possa ver os seus sinais vitais.

Margarida obedece ao pedido de Mário deitando-se na maca. Ela olha fixamente em seus olhos, com a intenção de jogar a primeira semente da

sedução. Mário, por sua vez, a vê como uma moça de Paris, esperando por uma brecha para seduzi-la.

Conforme ele apalpa o corpo de Margarida em busca dos seus sinais vitais, ela se contorce discretamente para induzi-lo a achar que estava gostando e se excitando com o exame.

Mário, por sua vez, fica entusiasmado com a reação de Margarida, imaginando que, no futuro, poderia ser mais um de seus casos amorosos, sem qualquer compromisso.

Ela pergunta, fingindo ingenuidade:

– Eu tenho alguma enfermidade, Doutor Mário. O que o senhor acha que está acontecendo comigo?

Mário responde:

– Não vi nada de anormal em seus dados vitais. Acredito que seja o calor da região. Vou te receitar algumas medicações leves que você mandará

manipular na farmácia. Em breve você estará nova em folha e as dores de cabeça desaparecerão.

Margarida olha no fundo dos olhos de Mário, chegando a deixá-lo constrangido. Ela diz:

– Gostei de conhecê-lo, Doutor Mário. O senhor é um homem muito gentil e educado, um cavalheiro. Sempre que tiver alguma enfermidade, virei em seu consultório.

Mário responde:

– Com prazer. Será uma honra consultar uma jovem tão educada e bela como você.

Margarida responde:

– Gostaria muito de ter a oportunidade de conhecê-lo melhor. Quantas histórias acredito que tenha para me contar. Fiquei sabendo que estudou na Europa.

Mário responde:

– Com prazer. Quando a senhorita permitir, com autorização dos seus pais, irei a sua casa fazer uma visita.

A sedução

Margarida se retira do consultório entendendo que sua investida fora comedida de sucesso. Mário, por sua vez, imagina que teria mais uma aventura aos moldes de Paris.

Ele era muito jovem e ingênuo e imaginava, em seu íntimo, que as relações no Brasil eram similares às da França.

Na realidade, ali se inicia uma relação amorosa de dois oportunistas. Mário quer se aproveitar de Margarida para descartá-la em seguida. Margarida, por sua vez, visa o golpe do baú. Objetiva conseguir um bom casamento para que se garantir na vida sem qualquer esforço.

Foi esta marca de negligência mútua que marca a aproximação dos dois. O amor não existe

em nenhum dos dois. O que estava em questão era apenas uma relação em que um procura se aproveitar do outro.

Margarida assedia Mário que se envaidece desta relação. Quanto mais ele é cobijado pelas mulheres da vila, mais ela intensifica suas investidas no intuito de conquistá-lo.

As mentiras se tornam comuns para ambos. Um tentando enganar o outro, sem saber o que o destino lhes reserva uma relação em comum.

Margarida começa a visitar diariamente o consultório de Mário para forçar uma aproximação, seduzindo-o e colocando a possibilidade de relações íntimas entre ambos. Em pouco tempo, esta relação se concretiza e Margarida engravida.

Tão logo, ela constata a gravidez, procura Mário para contar sobre o ocorrido.

– Mário, preciso conversar com você! Tenho uma notícia que mudará para sempre as nossas vidas.

Ela diz isso fingindo desespero sobre a gravidez anunciada. Ela chorava por fora e comemorava por dentro, se vendo como uma mulher rica e vitoriosa. Ela diz:

– É agora! O que vamos fazer? Como vou contar para minha família? Precisamos resolver isso o quanto antes!

Mário fica desconcertado e sem palavras começa a gaguejar. Ele diz:

– Não sei o que fazer! Preciso pensar!

Margarida responde:

– Não tem o que pensar em uma situação desta! Precisamos resolver a nossa situação. Eu não posso ficar desonrada.

Mário tem uma ideia sombria para resolver o problema.

– Eu tenho o conhecimento médico e posso fazer com que você aborte esta criança. Ai, ficamos livres do problema!

Quando Francisca ouve a fala de Mário, se põe a chorar copiosamente. O que ambos não tinham consciência é que tem uma criança inocente no meio desta relação em que um quer descartá-la, cometendo o aborto e a outra apenas a quer como uma moeda de troca.

A comitiva consola Francisca. Irmã Maria Rita diz:

– Por mais difícil que seja esta passagem que assistimos, infelizmente, isto é muito comum nas vidas terrenas. O desrespeito à vida.

– Nós devemos tirar lições vigorosas do que aqui assistimos para que, no futuro, possamos influenciar jovens encarnados a não seguirem pelo mesmo caminho.

A comitiva volta as suas atenções ao diálogo de Mário com Margarida. A última, sentindo seus planos ameaçados com a possibilidade de aborto, o nega vigorosamente.

Ela sabia que se ele fizesse o aborto, a descartaria em seguida, deixando-a desonrada, tais quais os costumes sociais do período em questão.

Mário insiste no aborto e diz:

– Eu não tenho nenhum sentimento por você. O que tivemos foi apenas uma relação íntima sem qualquer compromisso, iguais às dezenas que tive em Paris.

– Não tenho intenção de ter qualquer relação mais séria com você, muito menos constituir uma família. Nunca te imaginei como minha esposa!

Margarida se enfurece e sai do consultório batendo a porta. Em seus pensamentos imaginava que Mário não se livraria dela com tanta facilidade. Ela arquiteta um plano de se colocar como vítima, dizendo aos seus pais que foi seduzida e obrigada a manter relações sexuais com Mário.

Ela chega em sua casa e finge chorar em desespero, inventando toda uma situação que a colocasse como vítima para os seus pais. Ela sabe que se agir assim, de imediato, seus pais procurariam a família de Mário para forçar a reparação e o casamento.

Os eventos acontecem tal qual previu Margarida. Aquela mulher sedutora e obstinada

usou um manto de falsidade se fazendo de frágil e desentendida.

Da mesma forma, Mário, um homem egocêntrico que gosta de se aproveitar das mulheres para descartá-las em seguida, se viu preso em uma armadilha que ele mesmo ajudou a construir.

O que ambos tinham menos preocupação era com Francisca, um espírito de luz que se preparava para encarnar em cumprir a sua missão.

Os pais de Margarida chegam à fazenda no crepúsculo. Pedem de imediato para conversarem com os pais de Mário e expõem a situação. Os pais de ambos eram pessoas honradas e de bom coração que enxergam a vida a partir dos valores morais e costumes do período.

Mário e Margarida assistem em silêncio e de cabeça baixa a conversa dos pais que define o

casamento como forma de reparação. Margarida vibra por dentro, apesar de não nutrir qualquer sentimento por Mário e vice-versa.

O noivado foi feito de imediato e o casamento foi marcado. A notícia se espalha em toda a região.

A gravidez, ainda em início de gestação, foi escondida. Na prática, todos imaginavam que era apenas um jovem casal que iniciaria a sua vida.

Virgínia

Margarida passa a ser invejada por todas as mulheres da cidade. Ela anda de cabeça erguida esnobando todos aqueles que tinham uma condição social inferior a sua.

Mário, por sua vez, percebe que não era tão esperto como imagina. Ele entristece e vê a sua vida perder o sentido. Até que um dia, em uma de suas caminhadas pela Vila, vê uma moça bela, cujo nome é Virgínia.

No Jardim de Flores, os olhos de Maria Flor enchem de lágrimas. Todos olham para ela e ficam sem entender o que está acontecendo. Aquela pequena e frágil criança olha para a comitiva e diz:

– Com o tempo, tudo será explicado. As nossas histórias se confundem e em breve se apresentarão.

Virgínia é esguia com traços caboclos do período. A sua personalidade é forte e marcante. Esbelta e comunicativa, cativa a todos que estavam a sua volta. A sua família é simples, composta de comerciantes locais, da qual ela muito se orgulha.

Os seus cabelos são longos e pretos. Os seus olhos são castanhos escuros. Ela é magra e esbelta. Usa vestidos simples cujos traços desaparecem perante a sua forte personalidade.

Ela é uma idealista e sonhadora. Acredita na força dos seres humanos para cumprirem os seus desejos e destino. Ao contrário de Margarida, imagina-se em um relacionamento movido apenas pelo amor. A paixão é a marca que motiva a sua vida.

Quando Mário vê Virgínia, o seu coração dispara de imediato. Aquele sentimento o pega de surpresa. O amor surge com uma chama que o

sufoca em todas as dimensões, despertando sentimentos e emoções que ele até então desconhece que existem dentro de si.

A sua voz palpita e ele gagueja ao se aproximar de Virgínia pela primeira vez. Ele a encontra de forma casual e diz:

– Boa tarde senhorita! Como é a sua graça?

– O meu nome é Virgínia.

– O meu é Mário. Muito prazer em te conhecer.

Os seus olhos se entrelaçam atraídos como o fogo da vida. Mário começa a conversar com aquela jovem tão bela e extrovertida.

As suas histórias, experiências e formas de ver o mundo são contadas para ela em uma primeira conversa que durou horas e eles nem perceberam. Mário sente confiança com conversar com aquela bela moça que parece conhecer a tanto tempo.

O coração de Virgínia dispara ao conhecer Mário, despertando todas as chamas do amor. Ela seria o grande amor de Mário, que o transformaria, dado o seu desprendimento, em um homem melhor. Eram espíritos afins que se conheciam a muitas encarnações e que ali se encontrariam para terem uma vida feliz e de aprendizados mútuos.

No Jardim de Flores, Maria Flor se emociona e novamente começa a chorar compulsivamente. Ainda sem entender, a Comitiva educadamente respeita o seu momento, esperando, pacientemente, o desenrolar dos eventos.

Os dias passam e o casamento de Mário com Margarida se aproxima. Ao mesmo tempo, o jovem médico está cada vez mais apaixonado por Virgínia. Um sentimento que despertara com todo fulgor e ele não consegue controlar.

Virgínia, por sua vez, sabe do casamento de Mário. Como tinha grande condição moral, resiste ao assédio de Mário, controlando aos anseios de seu coração.

Poucos dias antes do casamento, Mário a procura tentando forçar uma relação. Ele disse:

– Virgínia, eu não consigo parar de pensar em você. Eu te amo! Preciso de você! Eu não tenho como viver sem a sua companhia.

– Eu sonho com você todas as noites, não consigo me imaginar longe da sua companhia. A minha vida só faz sentido ao seu lado.

Sob os olhares cheio de lágrimas de Maria Flor no Jardim de Flores, a linda cabocla responde, controlando seus impulsos e emoções:

– Mário, eu sei de tudo que está acontecendo entre você e a Margarida.

Mário faz expressão de espanto e diz:

– É apenas um casamento, como muitos da região. Nós não temos amor um pelo outro, é um arranjo de famílias.

– Não tenho como fugir deste compromisso. Mas, nada precisa mudar entre nós. Podemos ficar juntos, independente deste casamento sem amor.

Virgínia responde:

– Não, Mário. Não é apenas um arranjo de famílias como diz. Margarida está grávida e todos sabem disso. É por isso que estão se casando.

Mário fica vermelho e envergonhado e pergunta:

– Como você sabe? É um segredo entre as famílias.

Virgínia responde:

– Aqui na Vila não existem segredos, Mário. Você sabe que eu também te amo, contudo, não tenho como me relacionar com você.

– O seu compromisso é com a Margarida e existe uma criança entre vocês. É com ela que vocês têm que se preocupar, pois a criança precisará de vocês dois juntos e unidos para criá-la.

– É nela que vocês têm que pensar. Ter um filho é uma grande responsabilidade e vocês dois têm que se conscientizar e preparar para isso.

Mário não se conforma com a negativa de Virgínia. Utilizando o mesmo artifício linguístico que enganou tantas mulheres no passado, tenta convencê-la a manter um relacionamento com ele, dizendo:

– Eu fui enganado, foi ela que me seduziu. Quando vi, já tinha acontecido tudo. Eu não tenho culpa. Fui envolvido pela situação.

Virgínia ouve a explicação de Mário e responde;

– Não, Mário. Não seja leviano. Você não foi enganado, até porque, um filho não se faz sozinho. Vocês dois foram negligentes um com o outro e agora tem que assumir a responsabilidade sobre os seus atos.

– A única pessoa inocente desta história é a criança. Ela é responsabilidade de vocês e não tem como fugir disso.

No Jardim de Flores, Francisca vê a conversa de ambos e discretamente começa a chorar. Irmã Maria Luísa, com toda a sua experiência, percebe e a aconchega sem fazer qualquer pergunta.

Pacientemente com ela fica abraçada acariciando seus cabelos e a ninando.

A comitiva, por sua vez, está tão envolvida com a história que não percebe o desabrochar das emoções de Francisca.

Na Vila, o que Mário e Virgínia não percebem é que Margarida assiste àquela conversa escondida e descobre o amor que existe entre ambos. Ela se desespera ao descobrir que seu marido está apaixonado por outra mulher.

Em seu pensamento, se imagina sendo trocada por uma bugra qualquer, virando alvo de chacota na Vila.

A sua soberba é colocada a prova e o desejo de vingança explode em seu coração. Ela começa a imaginar as rodas de mulheres caçoando por suas

costas e a convivência constante com a infidelidade de Mário.

A semente da vingança explode o ódio em seu coração. Dominadora e manipuladora, jamais aceitaria ficar em segundo plano em qualquer relação.

Apesar de não nutrir qualquer sentimento amoroso por Mário, o que estava em jogo era o seu ego e a sua vaidade. Ela sabe que teria que se conformar em fazer vistas grossas para uma relação que existiria de forma perpendicular à sua.

Em suas reflexões, imagina que ele montaria uma casa para Virgínia e teria uma segunda família, que seria tão ou mais abastada do que a dela. Os filhos bastardos desta relação se apresentariam no futuro para reivindicar as posses econômicas, reduzindo a suas riquezas.

Esta é a sua única preocupação. Foi assim, movida pelo ódio e a vaidade que Margarida começa a planejar a morte de Virgínia. A ideia é contratar matadores para exterminá-la, algo que não é difícil de encontrar na região.

Margarida se faz de desentendida e toma informações sobre quem eram os matadores da região. Ela recebe a informação de dois cruéis empregados, protegidos pelo Coronel Emiliano, cujos nomes são Cuco e Bento.

Ela marca uma reunião escondida com ambos. Coloca um véu no rosto e roupa discreta para não ser reconhecida e os encontra fora da vila. O véu é preto, impedindo que seu rosto fosse visto pelas pessoas que circulam nas ruas e por quem iria contratar.

Margarida se aproxima dos matadores e de forma direta diz:

– Preciso que vosmecês façam um serviço para mim. Disseram-me que são os melhores matadores da região. Não pode haver erros.

– Aqui está uma jóia de minha família como pagamento pelo serviço.

Cuco e Bento respondem sem saberem a identidade da mandante do crime.

– Quem a sinhá quer que matemos?

Margarida responde:

– Virgínia, a filha dos comerciantes.

Ambos se assustam e Bento diz:

– Sinhá, tem certeza que quer que a matemos. Nós conhecemos esta moça. É uma pessoa boa que nunca fez mal a ninguém. Porque a senhora quer que a matemos?

Margarida fica furiosa e responde de forma ríspida:

– Eu estou pagando para vocês fazerem o serviço. Não tenho que dar explicações sobre os motivos da morte desta quenga. Apenas façam o serviço e não me perguntem o motivo.

Bento olha para Cuco e fica sem entender. Contudo, aquilo para eles é apenas mais um trabalho. Eles pensam apenas em como gastariam o dinheiro da venda da jóia que receberam como pagamento.

Cuco diz:

– Sinhá, a morte tem que ser no mesmo horário em que ocorrerá o casamento da Sinhazinha Margarida com o doutor Mário. Todos estarão na festa e não haverá testemunhas.

– Caso ela esteja na festa, a pegaremos de tocaia. Caso não vá, a abordaremos em sua casa.

Considere o serviço feito e Virgínia nos quintos do inferno.

Margarida vibra por dentro se sente poderosa. Em seu íntimo pensa que aqueles que atravessassem o seu caminho seriam punidos com a morte e seus planos e objetivos jamais poderiam ser questionados.

○ casamento

○ dia do casamento chega e Margarida está radiante. Afinal, concretizaria os seus planos de riqueza e exterminaria aquela que entende ser a sua rival.

Ela não tinha ideia que Virgínia havia terminado qualquer possibilidade de relacionamento com Mário e não mais estava em seu caminho.

Os preparativos estão a todo vapor. A solenidade é na fazenda dos pais de Mário. A festa ocorre em céu aberto, durante o dia, algo comum no período em questão.

As mesas enfeitam o jardim da casa da fazenda. Elas são todas revestidas de toalhas brancas, acompanhadas de louças, copos e talheres da mais alta qualidade.

Foi construído um altar com armação de madeira, coberto por flores de diferentes cores e espécies. Da mesma forma, as flores formam uma trilha que receberia os noivos para o seu casamento.

A fartura impera naquela festa que se inicia. Como os noivos são de classes sociais diferentes, bem como os convidados. Todos conversam animadamente, à espera da chegada dos noivos.

Margarida se sente vitoriosa. Dava ordens a todos os empregados e maltrata os seus próprios familiares com respostas ríspidas e mal educadas. Em seu interior, imagina que sua família é um fardo ao qual ela se desvencilharia após o casamento. Sonha apenas com a riqueza e poder que o marido poderia lhe conceder.

Mário está triste com o casamento, pois Virgínia não sai dos seus pensamentos. De uma forma espontânea e gradativa, começa a nutrir

repulsa por Margarida, à qual entende que destruiu o seu sonho de ser feliz ao lado de sua amada.

Ele coloca o terno caríssimo e desce para o altar à espera daquela que não amava. A revolta começa a povoar os seus pensamentos e o desejo de vingança cresce de forma incontrolada.

Virgínia, por sua vez, se nega a participar da solenidade e festa do casamento. Ela está apaixonada por Mário e participar daquele evento lhe causaria muito sofrimento.

Os seus pais fecham o comércio e a deixam em casa. Percebem que ela está aborrecida, mas preferem não tocar no assunto, respeitando o momento de sua filha.

Cuco e Bento estão de tocaia perto da casa de Virgínia. Querem saber se ela iria à festa. Quando percebem que ela ficou sozinha em casa, comemoram

de felicidade, entendendo que o trabalho era mais fácil do que imaginavam.

Cuco diz a Bento, observando os pais de Virgínia se distanciarem.

– Não devemos demorar com este serviço. Podemos ainda nos fartar com a comida e bebida da festa. Vamos matá-la rapidamente.

No Jardim de Flores, todos observam chocados a cena. Como abutres atrás de comida, rodeiam a casa de Virgínia sem que ela perceba.

No mesmo tempo, Margarida caminha com um andar soberbo em direção ao altar. Olha todos com olhar de superioridade e realeza.

O seu vestido de noiva é belicismo, feito com os tecidos importados mais caros existentes. A calda é gigantesca e a grinalda deslumbrante. Nos detalhes estão pérolas e os bordados dourados que lhe dão um

ar de rainha. Todos estes detalhes destacam a deslumbrante beleza da noiva.

Paralelamente, Cuco e Bento invadem a casa de Virgínia que é pega de surpresa. Ela se apavora e tenta correr, mas é facilmente detida pelos dois. Ela grita.

– O que vocês estão fazendo aqui? Saiam da minha casa! Socorro!

O olhar dos matadores deixa claro as suas intenções. Bento diz:

– Não temos nada contra vosmecê. Sabemos que é uma boa pessoa. Mas, fomos pagos para tirar a sua vida e isso ocorrerá de forma rápida e indolor.

Virgínia pergunta desesperada aos matadores.

– Quem ordenou que fizessem isso comigo? Eu não tenho inimigos aqui na Vila. Porque fazer esta mardade comigo?

Cuco responde.

– Nós não sabemos quem encomendou a sua morte. Foi apenas um trabalho contratado. Como te dissemos, não temos nada contra vosmecê. Isto não é pessoal. É apenas um trabalho.

Virgínia pede piedade aos matadores, mas não é atendida. Cuco e Bento sacam as suas armas e a descarregam no corpo da jovem que desencarna logo em seguida.

No mesmo tempo em que a espiritualidade desliga o espírito do corpo material de Virgínia, o casamento tem sequência. Mário sente um mal-estar quando Virgínia desencarna por definitivo. Os seus olhos escurecem por alguns segundos e ele sente todo o pavor e desespero de sua amada recém assassinada.

A solenidade do casamento se encerra e os convidados saúdam os noivos. Margarida vê Cuco

e Bento chegarem à festa e comemora a sua vitória. Agora ninguém mais poderia atrapalhar os seus planos.

Os convidados dançam e comemoram o casamento, enquanto Virgínia é recebida por familiares e amigos no plano superior.

O despertar

Virgínia desperta no mundo espiritual com resquícios das dores dos tiros que acabara de receber. Contudo, o seu desligamento foi tranquilo e seu acolhimento imediato.

Tão logo tem permissão, começa a conversar com os mentores e amigos que a acompanham e eles a colocam a par de todos os acontecimentos.

Miguel, que havia acompanhado toda a sua encarnação, sabia que a vingança e o ódio não dominavam o coração de Virgínia. Por isso, não teve nenhum receio em contar tudo o que ocorreu.

Virgínia fica decepcionada ao ouvir toda a explicação de Miguel. Em nenhum momento imaginava atrapalhar a relação de Margarida e Mário. A sua condição moral a impedia de manter

qualquer relação extraconjugal, especialmente com uma criança envolvida.

Contudo, o ódio não tomou conta do seu coração. Ela entendeu as limitações do seu algoz e a perdoou, entendendo que deveria seguir a vida em frente.

Miguel diz para Virgínia.

– Minha menina querida. Esta história ainda poderá ter muitos desdobramentos de acordo com livre arbítrio dos envolvidos.

– Precisamos ver os caminhos que Mário e Margarida tomarão, especialmente com relação às suas atitudes perante a criança que encarnará no futuro. Os desdobramentos destas atitudes poderão colocar no seu caminho uma grande prova de desprendimento e amor

Virgínia se surpreende com a afirmação de Miguel e pergunta:

– O que você quer dizer com isso, meu amigo.

Miguel faz uma expressão enigmática e responde:

– Com o tempo tudo será esclarecido.

Os meses passam e a gravidez de Margarida segue conforme o planejado. A mãe não vê a hora de chegar o momento do nascimento para se livrar daquele bebe que está em seu útero.

Ela pensa apenas em recuperar a beleza do seu corpo, não tendo qualquer intenção de amamentar ou mesmo cuidar do bebê. A ideia era que a criança nascesse e, de imediato, passasse aos cuidados de uma ama de leite que assumiria todos as obrigações da criação.

A morte de Virgínia afetou profundamente Mário. As condições nefastas do seu assassinato haviam tirado a sua alegria de viver. A convivência constante com Margarida acabou por relevar o lado fútil e perverso de sua esposa.

Ele desconfia que Margarida estava por trás da morte da Virgínia, mas não tem provas que pudesse incriminá-la. As investigações precárias sobre aquela morte chegam ao fim e a ausência de testemunhas impede de identificar os responsáveis pelo assassinato.

A relação matrimonial entre Mário e Margarida vai de mal a pior. As brigas, desentendimentos e desavenças se tornam comum entre aquele casal sem amor.

Com a morte de Virgínia, Mário, revoltado com tal situação, retomou a forma de vida que tinha

em Paris, composta por noites regadas de bebidas alcoólicas.

Ele pouco fica em casa indo direto do seu consultório para o conhecido bordel da cidade. Ali, passa a ser personagem constante, negligenciando todo e qualquer compromisso matrimonial.

Margarida, por sua vez, percebe que o seu casamento não era o que imaginava. Os seus sonhos de dominação e poder haviam se transformado em um universo de solidão e penúria. Ela se afastara dos seus pais e teve vergonha de pedir o seu apoio.

Os seus sogros desenvolveram aversão por ela. Com o tempo, se mudam para a França e não mais mantêm contato com o filho e sua esposa.

Eles dão a fazenda para Mário como herança devida, pegam o restante dos seus bens e não deixam

sequer o endereço para que fossem contatados. Eles nutrem aversão ao casal.

Os meses de gestação são marcados pelo abandono e falta de respeito do seu marido e empregados próximos. Ela desperta tal nível de repulsa nas pessoas a sua volta, que todos se divertiam com o seu sofrimento.

Em seu útero, a criança percebe todo o sofrimento. O medo e a incerteza de nascer começam a afetar aquele espírito puro. Vê a frieza daquele que era o seu pai e o despreparo e perversidade de sua mãe. Percebe que Margarida não nutre qualquer sentimento por ela, vendo-a como um estorvo dentro do seu corpo.

Mário, por sua vez, sequer se imagina como pai. Compreende a criança como resultado de um golpe que destruiu os seus sonhos de amor e, conseqüentemente, a sua própria vida.

Francisca começa a chorar compulsivamente no Jardim de Flores. Irmã Maria Rita e Maria Beatriz confortam as suas lágrimas e sofrimento.

Com toda sensibilidade inerente ao grupo, a comitiva logo percebe, dado ao sofrimento que aquela passagem causou em tão puro espírito, que a criança gestada por Margarida era Francisca.

As brigas entre o casal se intensificam e Margarida teme perder a condição econômica que o seu marido lhe proporciona.

As semanas passam e é chegado o momento do nascimento de Francisca. Mário, mesmo sendo médico, sequer estava em sua casa quando ocorreu o parto. Uma parteira foi chamada e Francisca nasceu sem qualquer emoção de sua mãe.

Uma cena bela do nascimento de uma criança tão linda, em que tantas luzes se manifestam com o

início do caminhar de uma nova vida, foi acompanhada pela frieza e ausência de amor dos seus pais.

Tão logo o parto terminou, Margarida gritou:

– Tirem esta criança de perto de mim! Eu a odeio e não quero nem ver os seus olhos. Não quero sentir o seu cheiro! Eu tenho nojo desta criança!

A parteira fica indignada e responde:

– Sinhá Margarida, a senhora tem certeza. Nem quer saber se é menino ou menina? Não quer amamentá-la? Pense bem no que a senhora está fazendo.

Margarida se enfurece e responde.

– Olhe só como chora. Tira ela de perto de mim! Tira ela de perto de mim! Eu odeio esta criança!

A parteira diz:

– Qual será o nome da criança, Sinhá?

Margarida responde.

– Qualquer um! Escolhe você mesma. Tanto faz!

A parteira olha para a criança e diz.

– O seu nome então será Francisca, em homenagem a minha amada mãe que já desencarnou a muito tempo.

Mário é avisado no bordel por um funcionário da fazenda sobre o nascimento de sua filha.

– Doutor Mário! Doutor Mário! Acaba de nascer a criança. É uma menina.

Mário ouve aquela informação e fica inerte, não emitindo qualquer comentário ou manifestação de alegria. A indiferença nele se manifestou. Para ele era como se nada tivesse acontecido. Bebendo

estava e assim continuou. Aproveitou a noite para ir para a farrá com as mulheres do bordel.

Francisca

O tempo passa e uma ama de leite cuida de Francisca. Para os pais era como se ela não existisse. Na vila, Margarida fica cada vez mais desmoralizada com as constantes traições do marido, frequentador assíduo do bordel.

Mário começa a negligenciar o seu trabalho, vivendo bêbado e se colocando em delicada posição para o exercício da medicina.

A fazenda que herdara dos seus pais ia de mal a pior, jogada nas mãos de empregados que não sabiam fazer negócios e o roubavam sem qualquer consideração.

As brigas entre Mário e Margarida se intensificaram e o casal começa a se espancar. O desrespeito era tal que Mário chegava a levar

mulheres do bordel para dentro de sua própria casa, independente ou não da presença de Margarida e sua filha.

A sua fortuna foi sendo perdida e as safras da fazenda acometidas de pragas e falta de cuidados no plantio.

Margarida se embruteceu com tal situação, pois os seus planos de poder e riqueza se transformaram em um covil do seu sofrimento.

Francisca cresce rapidamente. É uma criança linda dotada de beleza singular. Os seus cabelos longos loiros e seus lindos olhos azuis cativam todos aqueles que estavam a sua volta. Ela usa belos vestidos rodados e belos sapatos importados.

Ela assiste as brigas constantes de seus pais e o espancamento diário de sua mãe. Vê nos olhos de sua genitora o ódio e horror por sua pessoa.

Nunca, Margarida, nem mesmo Mário, disseram qualquer palavra de amor para a sua filha. Eles faziam qualquer coisa para não a encontrar.

Com o passar do tempo, Margarida e Mário passam a transferir para Francisca todo o ódio que tinham um pelo outro. A criança era vista como responsável por todos os seus sofrimentos. As suas responsabilidades como pais são constantemente negligenciadas.

A pequenez e futilidade de ambos impedem que tenham uma autocritica de suas atitudes, colocando no colo de uma inocente criança a responsabilidade dos seus atos.

A hipocrisia era a marca daqueles espíritos de baixa evolução que estavam encarnados no mundo terreno.

No Jardim de Flores, Francisca chora de medo e se esconde no interior dos braços das Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz que a ninam e protegem.

Aquele medo não era sem motivo. Margarida começa a espancar Francisca sem qualquer motivo. Toda vez que brigava com o seu marido por saber que ele estava no bordel, procura Francisca e a espanca, ofendendo-a com palavras de baixo calão e culpando-a por sua infelicidade.

Mário age da mesma forma. Bêbado, ele espancava a sua esposa e também a sua filha, acusando a segunda como responsável pela perda do seu grande amor e o seu sofrimento. Ele as vê como responsável pela desgraça que estava a sua vida.

Em uma das brigas do casal, Margarida, enfurecida, procura a sua filha para nela descontar as suas mágoas. Ela grita.

– Francisca, onde está você? Venha aqui para apanhar. Se você se esconder será pior. Apanhará por duas vezes.

Mário, por sua vez, embriagado, também grita.

– Francisca, eu vou te bater até você morrer! Maldita menina! Quem você pensa que é? Eu te odeio! Eu quero que você morra e nunca mais apareça em minha frente!

E aqueles dois gritam por toda a noite. Francisca tenta se esconder, mas quando é encontrada, acaba por ser espancada até perder os sentidos.

A perversidade daquele casal é tal, que as mulheres do bordel começaram a se afastar de Mário, tamanho era a indignação do que faziam com sua filha.

Em uma de suas idas à fazenda, presenciaram o que faziam com Francisca e se sentiram indignadas ao verem tantos maus tratos. Afinal, muitas delas eram mães e, mesmo com as dificuldades de suas vidas, nunca deixaram de ser boas mães para os seus filhos.

Com resultado dos espancamentos diários e a falta de amor dos seus algozes, aquela linda criança adocece dia após dia. A tristeza toma conta do seu coração, bem como o pavor por aquelas figuras dantescas que a obsediavam em vida.

Um dia, no jantar, em raríssima vez que Mário estava em casa, Francisca perguntou.

– Mamãe, Papai. Por que vocês me batem tanto? Por que não gostam de mim? O que eu fiz para vocês? Quero que saibam que eu os amo muito!

Nem esta fala foi suficiente para comover aqueles corações tão frios. Eles nem responderam, agindo como se ela sequer existisse. Em silêncio estavam e assim continuaram degustando o seu jantar.

Francisca insistiu na pergunta e tomou um tapa no rosto de Margarida, sendo duramente espancada por Mário. As ações de ambos para com a vida e sua filha acabou por atrair espíritos zombeteiros e vingativos para aquela casa.

Contudo, mesmo estes espíritos de baixa evolução moral que ainda não conheciam o amor em sua totalidade, começaram a se indignar ao presenciarem tal situação.

Foi assim que Pietro, um desses espíritos, comentou com as falanges que ali estavam presentes.

– Olhem que vergonha esses dois. Batem em uma criança indefesa. São valentes apenas com os fracos. No momento certo, vigaremos esta menina. Eles vão se arrepender do que fizeram para nós e agora fazem para esta criança.

Marli, ouve a fala de Pietro, e continua:

– Os meus filhos e eu morreram de fome, fruto da negligência e maldade desses dois. Vamos transformar a vida destes dois em um inferno. Onde eles forem estaremos juntos.

– Tudo o que eles quiserem fazer, trabalharemos para não dar certo. Vamos incutir em seus pensamentos a ideia contínua para que tirem a sua própria vida. Quando passarem para o lado de cá, os escravizaremos e torturaremos, tendo por completo a nossa vingança.

É o plano dos irmãos trevosos foi colocado em prática. Mário era induzido a cada vez beber mais e negligenciar a sua profissão.

Margarida tem a sua autoestima destruída pelas constantes sugestões psíquicas que era uma mulher feia e derrotada. Que a sua beleza acabara e que fracassara na vida.

Onde eles iam, tinham a companhia de Pietro e Marli. Eles o acompanhavam dia e noite. Atormentavam os seus pensamentos de forma contínua e absoluta, sendo implacáveis em seu processo de obsessão.

A cada surra que davam em Francisca, mas estes espíritos intensificavam a fúria de sua vingança, despertando o ódio de toda aquela falange de sofrendores que representavam.

Um dia, a pureza de Francisca acompanhada de sua clarividência não desenvolvida, permitiu que ela os visse acompanhando os seus pais. Acompanhada da surpresa de Pietro e Marli, ela os chama dizendo:

– Bom dia, quem são vocês?

Pietro e Marli ficam sem jeito com a pergunta de Francisca e respondem:

– Somos apenas pessoas desconhecidas que acompanham os seus pais. Nada temos contra você!

Francisca pergunta.

– O que vocês querem fazer com eles? Por que os acompanham? Vejo em seus olhos que vocês os odeiam. Vocês querem maltratá-los?

Pietro era um homem branco e esbelto. Tinha por volta de 25 anos de idade em sua aparência perispiritual. Marli, era branca e esbelta, com a

mesma idade de Pietro. Ela tinha em torno de 1:56 metros de altura e usava vestido do período com um broche em formato de flor em sua blusa.

Pietro responde:

– Nós queremos vingança. Um erro médico do seu pai, que me atendeu embriagado, custou a minha vida.

– Ele negligenciou o meu estado de saúde e não me tratou como deveria. Eu era a principal fonte de sustento da minha família. Com a minha morte, todos passaram fome e alguns dos meus filhos morreram.

Marli continua:

– Eu trabalhava nesta fazenda. Eu engravidei de um homem que me enganou. Nunca pensei em abrir mão da minha filha. Estava decidida em criar

minha filha sozinha, com o meu trabalho, independente do que os outros dissessem.

Francisca pergunta:

– Quem foi o homem que te engravidou?

Os olhos de Marli se enchem de lágrimas e ela responde:

– Foi o seu pai!

– Por intermédio de fofocas de outros empregados, Sinhá Margarida descobriu que eu estava grávida. Ela, simplesmente, me escorraçou da fazenda, me ofendendo de todas as formas possíveis. Ela me tratou como se eu fosse um animal qualquer.

– Eu fiquei desesperada e contei para o seu pai o ocorrido e ele pediu que eu o procurasse em seu consultório médico.

– Quando lá cheguei, tentou me convencer a abortar a criança, afirmando que ela nasceria

aleijada e seria rejeitada na sociedade por ser uma criança bastarda e defeituosa!

– Eu me indignei com tal afirmação e não consenti que o aborto fosse feito. Contudo, mesmo assim, ele me dopou e, embriagado, o realizou sem minha aprovação.

– Como ele estava sem condições de exercer a profissão, errou no procedimento e eu e minha filha desencarnamos. Eu busco vingança desde então.

– Quando vemos a forma como ambos a tratam, isso nos enfurece ainda mais, pois o seu sofrimento nos lembra a frieza que eles, como nossos algozes, nos trataram.

– Nós vamos vingar a nós e a você!

Francisca ouve as explicações de Pietro e Marli, ao mesmo tempo que uma falange de espíritos vingativos, zombeteiros e sofredores deles se aproximam.

Ela não sente medo, pois percebem que todos aqueles que estão a sua volta não lhe querem mal, nutrindo, ao contrário disso, simpatia por sua pessoa. Ela diz a todos:

– Peço que vocês os perdoem! Eu os amo, mas sei que são muito pequenos em seu entendimento das coisas do mundo.

Pietro responde:

– O que nos pede é impossível, Francisca! Estes dois não valem nada! Continuarão a fazer o mal a quem estiver ao seu lado. Nós teremos a nossa vingança de qualquer forma.

– Todas as vezes que eles lhe espancaram, nós infernizaremos as suas vidas e nos vingaremos de todas as formas. Faremos de tudo para que tirem as suas próprias vidas. Quando consumarem tal ação, aí sim verão o que é sofrimento.

Francisca responde:

– Eu morro de medo deles! Contudo, não lhes quero mal. Não consigo entender os motivos aos quais me odeiam tanto. Eu pergunto, e nunca me respondem. Eles sequer me olham.

– Apesar disso, lhes peço, os perdoem! Eles são seres humanos pequenos com valores pobres. Perdoem!

Marli responde:

– Não temos como atender o seu pedido, menina Francisca. Mário e Margarida são pessoas muito ruins e merecem passar por tudo o que estão passando. Eles fizeram mal para muitos que aqui estão e serão punidos por todas as suas ações.

– Haaa, quando desencarnarem. Eles não têm ideia do que os espera. Eles se arrependerão de tudo o que fizeram nesta e em outras vidas.

Francisca olha para todos aqueles espíritos e tenta tocar os seus corações em vão. Eram muitas mágoas e decepções.

Ela percebe que suas palavras não teriam nenhum efeito, dada o desdobramento de tudo o que ocorrera no passado. Como última tentativa ela diz.

– Eu perdoo os meus pais por todo o mal que fazem para mim. Peço, com todo amor, que vocês tentem fazer o mesmo. O ódio e o sentimento de vingança é uma armadilha que aprisiona o nosso coração nas amarguras da vida.

– Desejo tudo de bom para vocês. Que vocês sejam felizes.

Pietro e Marli ouvem Francisca e pedem que ela permite que os abracem. A permissão vem e os dois, representando toda aquela falange de espíritos sofredores, a abraçam em comunhão.

Para eles, aquele abraço desperta em seus corações boas lembranças do seu passado, a saudade daqueles que amavam e não tinham mais contato.

O futuro de toda aquela falange era um processo que dentro da bondade de Jesus, ainda teria novos capítulos em futuro distante dos caminhos de Francisca.

O desencarne de Francisca

No Jardim de Flores, Maria Flor pede permissão às Madres para narrar a continuidade dos eventos que ali aconteciam. A sua interpretação é fundamental para que todos entendam a trama de eventos que ali se anunciava.

A névoa novamente se forma, e com a narrativa de Maria Flor, a estória toma o seu curso.

– A espiritualidade muito se comoveu com a situação de Francisca. Na realidade, ela era a esperança de comover os corações de Margarida e Mário que muito já haviam errado em vidas passadas.

– Apesar da forma desajeitada que ocorreu o casamento deste casal, a presença de Francisca em

sua família acalentaria as limitações do casal, colocando uma semente que iniciaria a sua mudança.

– O planejado era que, no futuro, mesmo com as dificuldades de relação entre os dois, quando Francisca já adulta se casasse e tivesse o primeiro filho, este sim mudaria os dois por completo, interrompendo a sede de agressão que existia entre ambos.

– Estava programado que seu neto seria um espírito de luz que se dedicaria à medicina e salvaria muitas vidas. Isso criaria um vínculo com seus futuros avós que os transformaria, levando-os a repensar todos os erros que tiveram no passado.

– Porém, não foi isso que aconteceu. As agressões físicas e morais diárias em Francisca debilitou as suas condições de saúde apressando, de forma prematura, o seu desencarne.

– O sofrimento de Francisca foi tal que a espiritualidade decidiu que aquele não era o momento para a redenção de Mário e Margarida. Afinal, eles ainda eram fúteis e selvagens nesta existência.

– Mesmo tendo encarnado com todas as condições materiais e sociais favoráveis ao seu desenvolvimento espiritual, se mantiveram presos às amarras da vaidade, violência e do orgulho.

No Jardim de Flores, todos ficam espantados com o relato de Maria Flor, até então, o espírito mais jovem da comitiva. Eles não conseguiam conceber como uma criança tão pequena tinha uma compreensão tão profunda dos eventos em questão.

foi assim que Tarcísio perguntou:

– Maria Flor, como você sabe de todas estas informações sobre a última encarnação de Francisca?

– Afinal, você é a mais nova de todos nós.
Você conhecia Francisca nesta vida?

Maria Flor olha para Irmã Maria Luísa e sorridente recebe o sinal positivo para continuar o seu relato.

– Calma, Tarcísio! Vou explicar tudo e vocês vão entender em breve.

– A comoção da espiritualidade acabou por mudar o plano encarnatório de Francisca. Os constantes espancamentos sofridos por aquele corpo frágil, somados à sua tristeza e decepção contínua, acabaram por propiciar a instauração de diferentes tipos de doenças.

– Foi assim que Miguel chamou Virgínia para uma conversa e disse:

Neste momento, todos da comitiva observam a conversa de Miguel com Virgínia.

– Virgínia, o que tenho a te pedir é muito importante! Entendo se você recusar, pois envolve questões sentimentais de sua última encarnação.

Virgínia responde:

– Estou sem entender, Miguel. Farei tudo o que puder fazer para ajudar, independente das circunstâncias.

– Você sabe que pode sempre contar comigo para ajudar em tudo o que foi possível.

Miguel olha para Virgínia e expõe toda a situação que ocorre no plano material na família de Mário. Ele continua.

– A filha de Mário e Margarida, cujo nome é Francisca, está sendo maltratada por ambos. Eles são para ela piores do que feras selvagens.

– O seu estado de saúde é precário e em breve ela desencarnará. Tememos pelo desdobramento deste desencarne.

Virgínia pergunta.

– Como assim, Miguel?

– Tememos que ela, dado o seu nível de tristeza e decepção, tenha dificuldade em entender o final de sua vida corpórea, passando por novo sofrimento.

– Precisamos de um rosto amigo que esteja próximo dela quando houver o desprendimento do espírito do corpo.

– A casa está infestada de espíritos zombeteiros e vingativos que, inclusive, já fizeram contato com ela. Sabemos que eles não a querem mal.

– Contudo, existe o perigo que usem a sua ingenuidade, como instrumento contra os seus pais, achando que estão dando a ela a oportunidade de se

vingar de todo o sofrimento que lhe causaram. A fúria daqueles irmãos é inenarrável.

– Não podemos correr este risco. Francisca já sofreu em demasia. Por isso, pedimos a sua ajuda, mesmo compreendendo caso recuse esta missão.

Maria flor continua a contar a história para os membros da comitiva no Jardim de Flores. Virgínia diz:

– Miguel, eu ajudarei com prazer. Só não sei como devo agir. O que você quer que eu faça? Ela não me conhece. Como serei este rosto amigo para uma criança que nunca me viu?

Miguel responde:

– Precisamos que você fique perto de Francisca, auxiliando o seu irmão protetor a protegê-la.

Virgínia pergunta.

– O irmão protetor de Francisca não consegue fazer esta missão sozinho? Por que preciso ajudá-lo, mesmo fazendo de bom coração?

Miguel responde.

– Neste caso não. É muito arriscado, dado o nível de ódio e desejo de vingança que reina naquela casa. As energias ali estão muito densas e requer uma ação coletiva do bem para que tudo dê certo.

– Precisamos que uma criança esteja constantemente ao lado de Francisca para amainar os dias difíceis que precederão a sua encarnação.

– O irmão protetor da criança atuará afastando os irmãos trevosos, impedindo que tentem usá-la como instrumento de vingança.

Virgínia, ainda sem entender, diz:

Mas, Miguel. Eu não sou mais uma criança. Ainda tenho a forma de quando fui morta em minha última encarnação.

Miguel diz:

– Sim, Virgínia. Contudo, a pureza do seu espírito é similar ao de uma criança. Por isso pedimos a você que plasme a forma de uma criança e se aproxime de Francisca para protegê-la.

– Ela pensará que você é uma amiga invisível e não se sentirá tão sozinha e mal tratada.

– Você a amparara nos seus dias finais, confortando o seu coração e o enchendo de esperança e carinho.

– Apresente-se a ela não com o nome de Virgínia, mas sim, como Maria flor, que significa esperança, beleza e bondade.

No Jardim de Flores, a comitiva assiste Virgínia plasmar o seu corpo tomando forma de uma criança. Todos se espantam e se emocionam ao ver que o resultado final daquela mudança é a amada criança da comitiva, cujo nome é Maria flor.

Maria flor diz a todos:

- É por isso que conheço a história de Francisca. fui eu que estive ao seu lado nos dias finais de sua vida, inclusive no momento do seu desencarne.

Francisca se solta das Madres e corre para abraçar Maria flor. As duas choram abraçadas e comovidas.

Zezinho pergunta:

- Porque vocês nunca nos contaram esta história?

Maria flor responde:

- Porque tudo tem o momento certo para acontecer. Achamos que se contássemos para vocês de qualquer jeito, poderíamos magoar Francisca que até hoje luta contra estas lembranças.

Maria flor, abraçada com Francisca, sua grande amiga, continua a narrar a história.

- Eu me plasmei como criança e fui ao encontro de Francisca. Encontro uma criança triste e apavorada, dada a crueldade que vive. Ela tem medo de tudo e de todos. Vi aquelas hordas de irmão vingativos naquela casa, inclusive Pietro e Marli, que dado o meu nível vibratório, não conseguiam sentir a minha presença.

- Ficava diuturnamente ao seu lado, confortando o seu coração das atrocidades que passava.

- A cada surra que levava, agíamos no mundo espiritual para que o seu corpo não sentísse dores.

A cada xingamento que recebia, agíamos para que não ouvisse ou mesmo esquecesse.

– Toda aquela situação elevava o ódio daquelas hordas de irmãos trevosos por Mário e Margarida, lembrando-se das humilhações e sofrimento que ambos os causaram nesta e outras vidas.

– Francisca adoeceu e não mais conseguiu sair da cama. Contudo, nem isso despertou qualquer sentimento de arrependimento dos seus pais, pois, para eles, ela não passava de um estorvo

Francisca contém a emoção e pede para narrar à comitiva o final de sua última encarnação.

– Nos últimos suspiros de minha vida, olhei para eles e perguntei porque tanto maltrataram alguém que apenas queria o seu amor? Por que me fizeram tanto sofrer, se nunca lhes fiz qualquer mal?

– Eles sequer conseguiram me responder. Era tão mesquinhos e pequenos que sequer tinham compreensão do mal que me fizeram.

– Lembro-me dos meus últimos minutos de vida encarnada. As dores que sentia pelo corpo desapareceram por completo. Vi o rosto amigo de Maria Flor sorrindo próximo de mim e a sensação foi de alívio e libertação.

– Olhei para o lado e vi antepassados de muitas encarnações anteriores. Muitos eu nem me lembrava, mas sabia que fizeram parte da minha vida. Abracei-os com todo amor e carinho.

Maria Flor continuou a narrativa.

– Ela veio em minha direção e me emocionou. Ali estavam muitos desencarnados, sejam eles da luz ou trevosos. A bondade de Francisca era tal, que os irmãos trevosos, simplesmente abriram caminho e

fizeram reverência àquele espírito tão nobre que estávamos levando,

Francisca disse:

– Eu fui em direção a Pietro e Marli e os abracei em despedida. Pedi que dentro do que conseguissem, perdoassem os meus pais. Eles me olharam com os olhos cheios de lágrimas e nada disseram.

Maria flor continuou.

– Os irmãos trevosos não ofereceram qualquer resistência à nossa saída, vendo no rosto de muitos, a emoção de conviver com o tão elevado espírito de Francisca que sentiam injustiçado.

– Tão logo nos retiramos, trataram de continuar o processo de obsessão a Mário e Margarida, jurando vingança e objetivando o seu desencarne.

Francisca continuou:

– fui levada e acordei no Hospital de Luz. Fiquei por muito tempo traumatizada com a brutalidade em que fui tratada.

– fui informada, dado o meu grau evolutivo, que devo encarnar, ainda mais uma vez, para terminar a missão que meus pais não me deixaram cumprir nesta encarnação.

– Desde lá, venho estudando e me recuperando dos traumas que ficaram desta encarnação.

– Durante muito tempo tive pavor de encarnar novamente, temendo ter uma experiência similar a que passei.

– Muito tenho sido orientada, não só por Miguel, como Maria Flor, minha grande amiga que está aqui a meu lado.

– Quando encarnar novamente, serei uma médica e professora que formará grandes profissionais da saúde para o período terreno da regeneração.

– Que Jesus abençoe a todos nós.

Toda a comitiva se abraça e diz.

– Que seja feita a vontade de Deus!

– Que assim seja!

As Madres do Sagrado Coração de Jesus

As Irmãs olham uma para as outras e seus olhos se enchem de lágrimas. As drásticas lembranças de sua última encarnação mexem com seus sentimentos e emoções.

Irmã Maria Luísa pede para que todas se concentrem em seu passado no plano terreno.

As crianças ficam agitadas e em polvorosa. Afinal a história daquelas Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, que tanto bem lhes fizeram, será finalmente revelada.

Uma névoa se levanta perante todos os presentes e o passado se projeta. O final do século XIX novamente se apresenta e as imagens ganham vulto.

O cenário é o mesmo ao qual estavam encarnadas as crianças. As fazendas, a vila e o universo de miseráveis famintos soltos à própria sorte tomam forma. A abolição da escravatura se consolidara e, com ela, o misto de liberdade e abandono estava presente.

Próximo à vila, toma forma um simples mosteiro feito de pedra. Ele não é grande e suas paredes traduzem a idade daquela construção. O seu tom acinzentado contrasta com a alegria e bondade das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus que nele habitam.

Tarcísio observa a cena e diz:

– Este mosteiro era conhecido na região. Ouvi algumas vezes os empregados da fazenda falarem sobre ele. Eles construíam histórias sobre a reclusão das Madres e seu modo peculiar de viver.

Zezinho diz:

– Quando estávamos na estrada, logo após sermos expulsos da fazenda, passamos por este mosteiro. Eles nos deram água, comida e remédios. A generosidade daquelas Madres nos encantou e elevou as nossas vibrações.

– Estivemos com elas em uma tarde, um pouco antes de sermos todos assassinados, tal qual lhes contamos. Agora me lembro da senhora, Irmã Maria Luísa, conversando com os meus pais.

Uma cena se apresenta do diálogo da Irmã Maria Luísa com os pais de Zezinho bem em frente do mosteiro. João e Sebastiana se aproximam com as crianças famintas e desnutridas.

Irmã Maria Luísa diz:

– Por favor, venham se alimentar. Comem esta sopa feita com todo carinho para satisfazer a sua fome.

Aquela família se aproxima daquela bondosa e sábia Irmã que é responsável pelo mosteiro e são servidos por duas jovens Irmãs, cujos nomes são Maria Rita e Maria Beatriz. Irmã Maria Luísa olha para João e Sebastiana e diz:

– Vocês estão muito sofridos e desgastados. Para onde estão indo?

João responde:

– Estamos viajando sem rumo. O que queremos é partir para o mais longe desta região. Precisamos recomeçar a nossa vida em outros ares e terras.

Irmã Maria Luísa sugere:

– Porque não ficam uns tempos por aqui. Podemos arrumar alguma ocupação para vocês. Enquanto isso, poderão ter alimentação e as crianças irem para a escola.

– Observem aquela casa simples ali na frente. Ela é uma escola para os filhos daqueles que nos pedem ajuda e ficam por aqui. As Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz são as professoras encarregadas de ensinar e alfabetizar todas as crianças.

As crianças vibram com a possibilidade de poderem estudar e se alimentar todos os dias. Elas se imaginam sentadas no banco escolar e sendo bem tratadas. Sebastiana respira aliviada e sente que suas súplicas foram atendidas.

Zezinho, no Jardim de Flores, comenta:

– Como ficamos felizes com a proposta da Irmã Maria Luísa. Quando vi as Irmãs Maria

Rita e Maria Beatriz, não só eu, como as minhas Irmãs, fiquei encantado com tanto amor e fraternidade.

– Eu não me lembrava de vocês, Irmãs queridas, pois as vi apenas uma vez.

João e Sebastiana olham para aquela casa simples, mas recheada de amor e conhecimento descompromissado. Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz sorriem e olham para as crianças, transmitindo o amor pelo conhecimento e o prazer de ensinar.

João ouve a proposta de Irmã Maria Luísa e, desconsiderando os anseios de seus familiares, responde:

– Agradecemos o convite Irmã, mas temos que seguir o nosso caminho. Eu não suporto mais este lugar. Ele só me traz amargura e sofrimento.

Irmã Maria Luísa ouve e responde:

– João, onde você for encontrará situações similares. A abolição da escravatura ainda está longe de libertar as mentes dos brasileiros do orgulho, vaidade e preconceito.

– Você e sua família passam por expiações e provas que carregam há muito tempo. Não temos como fugir das provas que a vida nos impõe. Onde vamos a encontramos, seja aqui ou qualquer outro lugar. Pense nisso.

João, movido pelo ódio da situação de humilhação que recentemente vivenciou, responde respeitosamente à Irmã Maria Luísa.

– Agradeço o convite, mas não posso aceitar. A minha família vai onde eu for. Não importa se gostem ou não, eles vão me acompanhar.

Sebastiana e as crianças se calam e seus olhos se enchem de lágrimas. Irmã Maria Luísa percebe e tenta pela última vez convencer aquele homem tão ferido em seu orgulho.

– João, você não pode ser cabeça de coco. Pense em sua família. Eles estão cansados e desgastados. As crianças precisam comer e estudar.

– A sua esposa está muito triste com toda esta situação. Reveja a sua posição, fique conosco que ajudaremos todos vocês.

João ignora o pedido de Irmã Maria Luísa e ordena que todos voltem para a estrada. Ele agradece e se despede de todas as Madres seguindo sem rumo pela estrada.

Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz olham com comoção a partida daquela família sofrida caminhando sem rumo pela estrada. Irmã Maria

Luísa olha para eles com o coração apertado e os olhos cheios de lágrimas.

Irmã Maria Beatriz olha para a Irmã Maria Luísa e pergunta:

– Por que a senhora está chorando, Madre Superiora?

Irmã Maria Luísa responde:

– O meu coração está apertado e amargurado. Sinto que algo terrível espera esta família. Por isso insisti tanto para que eles ficassem conosco.

– Espero que o meu coração esteja enganado. Algo me diz que esta é a última vez que os veremos e um destino trágico os aguarda. Oremos a Deus por sua segurança.

E aquela família desaparece aos olhos de todos por aquela estrada de terra que parecia não ter fim.

Reflexões

Os eventos cessam por alguns momentos e a Comitiva se põe a refletir sobre o que vivenciaram. Irmã Maria Luísa olha para todos e diz:

– Muito triste o desenrolar destes eventos. Lembro-me deles até hoje. Aquela família caminhando para um final tão trágico.

Tarcísio ouve a explicação e pergunta:

– Às vezes, tenho dificuldade de entender porque estas coisas acontecem.

Irmã Maria Cleonice olha para Tarcísio e pergunta:

– Porque, Tarcísio?

Tarcísio diz:

– Bastava Deus ordenar que a família não fosse por aquele caminho que ela obedeceria e a tragédia não teria acontecido.

Irmã Maria Cleonice ouve a explanação de Tarcísio e bondosamente responde:

– Todos os espíritos têm livre arbítrio para a tomada das suas decisões. Elas escolhem o caminho que devem seguir e isto se dá muitas vezes pela interpretação dos sentimentos que carregam em seus corações.

Zezinho ouve a explicação e pergunta:

– Como assim Irmã Maria Cleonice?

Irmã Maria Cleonice continua:

– Os erros e acertos de nossas decisões implicam o aprendizado que obtemos durante toda a nossa vida, seja encarnada ou desencarnada.

– É com eles que crescemos e nos tornamos espíritos melhores. São as lições que ficam dos nossos aprendizados no passado que dizem quem somos hoje.

– Caso Deus, e seu mensageiro imediato, Jesus, retirasse o nosso livre arbítrio, não teríamos como crescer e aprender com nossos erros. Perderíamos a nossa própria vida.

– A vida é uma escola. Imagine se fossemos a uma escola e os professores fizessem todas as lições e estudos por nós. Nunca aprenderíamos nada.

– Estar vivo, seja encarnado ou não, implica na transição constante que fazemos em toda a nossa existência. Nós escolhemos ser bons ou maus. Nós jogamos a nossa semente e colhemos os seus frutos.

– Jamais podemos dizer que os filhos de Deus foram impedidos por Ele de semear. Colhemos o fruto que nós mesmos plantamos. O aprendizado está em

admitirmos a consequência de nossos atos, agindo sobre medida para evitarmos repeti-los no futuro.

– Deus não proibí as pessoas de fazerem o mal ou mesmo de errar em virtude do estado momentâneo de suas emoções. Contudo, depois convivemos com as consequências dos atos que cometemos. Esta é a Lei da vida e da existência eterna.

– Chegará o momento em que as pessoas se cansarão de errar, aprendendo com as suas experiências. O Planeta Terra entrará em uma fase de regeneração, abandonando a fase das provas e expiações.

Irmã Maria Cleonice observa a expressão das crianças e percebe que elas não entenderam o que ela quis dizer. Ela continua:

– O que vemos até então são as expiações de João e sua família. Expiacões são experiências negativas do passado que não conseguimos superar.

– As provas, tal qual em uma escola, são as expiações colocadas novamente na nossa vida para testar o nosso coração e a nossa benevolência para consigo mesmo e com as outras pessoas em nossa volta.

– O que vocês viram foi João ser consumido pelo ódio e o desejo de vingança que estava presente em seu coração. Ele foi reprovado em sua expiação passada, levando a sua família à tragédia que assistimos.

– Chegará o momento em que as pessoas aprenderão e o mundo entrará em uma fase de regeneração. Uma fase em que o bem superará o mal e as pessoas estarão em convalescença dos seus atos.

– Elas começarão a se cansar de errar. Estarão em condição similar a um paciente que se recupera de uma cirurgia. É uma fase longa e intermediária onde as expiações diminuirão até que todos se cansem de fazer o mal.

– Quando isso acontecer, entraremos em uma nova fase onde as pessoas estarão saturadas de fazer o mal e, como resultado, ele desaparecerá por vez de nossas vidas e escolhas.

– Tenhamos calma e confiança em Jesus, governador do nosso orbe, pois ele nos guiará por caminho iluminado e seguro.

Irmãs Maria Ríta e Maria Beatriz

Irmã Maria Luísa chama as Irmãs Maria Ríta e Maria Beatriz para uma conversa. Elas recebem o recado e ficam ansiosas em saber o motivo do chamado.

Elas são as mais jovens Irmãs do Mosteiro, tendo em torno de 16 anos de idade. Irmã Maria Ríta é magra, tem os cabelos pretos escorridos e em torno de 1:60 metros de altura. Os seus olhos são castanhos e sua pele branca, com traços portugueses.

Irmã Maria Beatriz tem a mesma idade da Irmã Maria Ríta. O seu cabelo é castanho claro e seus olhos azuis. Tem em torno de 1:55 metros de altura, com traços que lembram uma mulher espanhola.

Elas pertenciam a famílias abastadas da região e tinham estudado nas melhores escolas. Contudo, se negaram a compartilhar dos princípios culturais e morais de suas famílias e, como castigo, foram levadas para o convento.

Esta era uma estratégia comum das famílias no período, especialmente com as mulheres. Toda vez que havia algum desagravo, as jovens filhas eram retiradas de sua convivência e internadas nos conventos da região.

As famílias entendiam esta ação como uma punição exemplar. Não compreendiam a grandeza de Deus e seus desígnios. Para muitas, o que parecia ser uma prisão, representava a libertação dos seus espíritos da mesquinhez dos seus familiares.

Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz respondem ao chamado da Irmã Maria Luísa e começam a conversar.

Irmã Maria Luísa diz:

– Sejam bem-vindas minhas queridas Irmãs. Percebo que estão ansiosas e preocupadas sem motivo. Tenho uma rica missão para vocês duas à qual tenho certeza que cumprirão com todo o louvor.

As jovens Irmãs ficam curiosas e dizem:

– Como podemos ajudar? Não temos ideia do que fazer e como ajudar. As Irmãs não estão contentes com o nosso trabalho?

Irmã Maria Luísa, com toda a sua sabedoria, entende a ansiedade das jovens Irmãs e as acalma.

– Tenham calma, minhas Irmãs. O que lhes pedirei é uma tarefa grandiosa e a altura de ser realizada.

– Sei que vocês possuem uma excelente formação escolar obtida antes de trabalharem aqui conosco.

Irmã Maria Ríta responde:

– Nós duas estudamos e nos formamos professoras. Aprendemos a alfabetizar crianças e adultos, ensinando a todos as primeiras letras.

Irmã Maria Beatriz continua:

– Nunca tivemos a oportunidade de colocar em prática tudo aquilo que aprendemos na escola. As nossas famílias nos impediam de trabalhar e ajudar os pobres.

– Achavam que aquilo não era tarefa para moças da nossa estirpe. O que queriam era apenas que fizéssemos um bom casamento, aumentando as fortunas de nossas famílias.

– Quando nos recusamos a seguir tal caminho, fomos reprimidas e trazidas para cá. No começo, pensamos que seria o nosso fim. Depois, vimos que

a nossa vida tomou um novo sentido, o que nos deixou muito felizes.

Irmã Maria Luísa ouve a explanação da Irmã Maria Beatriz e continua:

– A vida dá muitas voltas para atingirmos os designios de Deus. Penso que podemos retomar os seus sonhos do passado, dando a oportunidade de vocês trabalharem como professoras, algo que sempre sonharam e não lhes foi permitido.

As Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz ficam sem entender a explicação da Irmã Maria Luísa, em um misto de alegria e estranheza ao mesmo tempo.

Irmã Maria Luísa pede para que elas a acompanhem e iniciam uma breve caminhada pelo bosque próximo ao mosteiro. Enquanto caminham, ela explana:

– Minhas filhas. Como vocês podem ver, a abolição da escravatura, algo justo e legítimo, ainda está longe de se concretizar em sua totalidade.

– A abolição endureceu os corações de muitos ex-donos de escravos que os usurpavam de todas as formas. Muitos deles sentem o desejo de vingança e torcem para que este movimento não dê certo.

– A pobreza e miséria imperam na nossa região. Existe um complô velado para que a sociedade brasileira dê um passo atrás e retome a escravidão como meio de subsistência econômica e social.

– Muitas pessoas estão jogadas ao relento, doentes, como medo e sem esperança. Uma multidão de famintos e analfabetos transita entre nós.

Irmã Maria Rita ouve a explicação da Irmã Maria Luísa e diz:

- As nossas famílias pensam desta forma. Consideram as ideias da abolição da escravatura e a da constituição da República como heresias que atentam aos seus interesses.

- As fazendas onde morávamos eram as mais violentas na nossa região. Muitos escravos foram mortos no tronco e suas mulheres violentadas e usurpadas pelos capatazes. Nós mesmas fomos espancadas pelos nossos pais só por dizermos que era desumano o que faziam.

- Eles não entendiam os escravos como pertencentes à espécie humano. Os viam como animais a serem usados até a morte.

Irmã Maria Luísa ouve a explanação e continua:

– Eu acredito minhas Irmãs. Contudo, precisamos agir, fazendo alguma coisa que minimize o sofrimento de tantas pessoas.

– Toda oração implica em uma ação. Temos que fazer os dois, orar e agir. Não adianta apenas lamentarmos esta deplorável situação. Temos que lutar contra ela com as armas que temos.

Irmã Maria Beatriz ouve a explicação e pergunta:

– Concordo com a senhora, mas isto ocorre em todo o Brasil. Como poderemos nos contrapor a tal situação? Ela é tão grande que não sei o que fazer.

Irmã Maria Luísa responde:

– As pequenas são grandes ações. Muitas vezes sinto a inspiração em meus pensamentos que dizem sobre a importância do suor de nossas ações.

– Tudo que fazemos com força e fé derrama gotas do nosso suor. Elas podem parecer insignificantes, mas na realidade não o são.

– Imaginem quando lavamos roupa em um rio. Ali nos dedicamos a nossa ordem composta por todas as Irmãs que se beneficiam do nosso trabalho.

– O rio é imenso e as gotas do suor do nosso trabalho são absorvidas e desaparecem perante a grandeza de suas águas. Contudo, minhas amadas e jovens Irmãs, sem estas gotas de suor que caem dos nossos rostos, o rio seria menor e menos águas desabrochariam no mar.

As Irmãs Maria Rita e Maria Luísa começam a chorar de emoção. A grandeza daquelas palavras tocou os seus corações de uma forma inédita até então. O que ali presenciavam era uma lição de vida voltada a valorizar a grandeza dos pequenos atos.

No Jardim de Flores, a Comitiva se emociona com aquela cena. As Irmãs Maria Luísa, Maria Rita e Maria Beatriz se comovem com tais lembranças.

Irmã Maria da Glória, acompanhada de Irmã Maria Cleonice, observa e diz:

– Muitas vezes, deixamos de valorizar as pequenas grandes coisas que podem ser feitas em benefício do próximo.

– Somos movidos a valorizar apenas os grandes feitos, não dando valor àqueles de menor envergadura. Valorizamos apenas os grandes heróis e heroínas, nos esquecendo da grandeza daqueles que não são lembrados pela história, mas tiveram importância similar.

– Se em nossa vida, conseguirmos ser importantes para um espírito, seja ele encarnado ou

não, ela já terá valido a pena, pois uma vida não tem preço ou medida.

– Aprendam isso crianças e terão como recompensa uma vida eterna de sentidos e recompensas que sempre atingirão os seus corações.

A escola

A comitiva no Jardim de Flores volta as suas atenções para o caminhar das três Irmãs. Elas se aproximam de uma tapera abandonada há muitos anos.

As suas paredes são feitas de barro e o telhado com folhas de bananeira. O seu piso é de terra batida. As suas condições são precárias em todos os sentidos. Ela tem dois grandes cômodos todos sujos e maltratados pelo tempo.

Irmã Maria Luísa olha para as duas jovens Irmãs e pergunta:

– O que vocês acham desta casa? Vocês têm alguma inspiração olhando para elas?

As duas Irmãs ficam sem saber o que dizer. Para elas, até então, aquilo era apenas uma tapera

abandonada sem serventia. Irmã Maria Luísa continua:

– Penso em instalar aqui uma escola para os pobres, ex-escravos e seus filhos. Observem que existem dois grandes cômodos aqui dentro. Em uma sala poderão estudar as crianças e, em outra, os adultos.

– Minha ideia é que vocês duas sejam as responsáveis por esta escola. O que suas famílias te negaram, agora Jesus as restitui, dando oportunidade de serem as professoras dos pobres e excluídos.

As Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz ficam espantadas com tal proposta. Apesar de estarem felizes com sua vida no mosteiro, viam agora a oportunidade de retomar todos os seus objetivos de vida ajudando a tantos necessitados.

Irmã Maria Rita pergunta:

– Mas Irmã Maria Luísa, o local está em condições deploráveis. Precisa de carteiras, lousas, cadeiras, cadernos, entre tantas outras coisas. Como faremos para conseguir tudo isso?

Irmã Maria Luísa responde:

– Pedirei para todas as Irmãs ajudarem na limpeza desta casa. Espalharemos a notícia de que uma escola será aqui criada. Pediremos ajuda a todos que achem esta ideia importante, para nos doarem os materiais que precisamos.

E a notícia se espalhou aos quatro cantos atingindo os corações bondosos e caridosos da região. Aqueles que tinham familiaridade com o trato da madeira, começaram a confeccionar carteiras, cadeiras e móveis para a escola.

Os marceneiros da região ajudaram a construir todos os móveis com madeira de árvores

tombadas da região para que não só eles, como os seus filhos, pudessem estudar.

As duas lousas foram doadas por um casal de comerciantes que possuíam uma linda e idealista filha, cujo nome é Virgínia.

Todos trabalham intensamente para colocar aquela tapera em condições mínimas para receber os futuros alunos. Irmã Maria Rita e Maria Beatriz, em meio aos trabalhos de manutenção, pensam nos conteúdos e nas metodologias de ensino que aprenderam quando desenvolviam os seus estudos.

Quem via aquela escola por fora não imaginava a grandeza que ali imperava. Nem sempre a aparência resume aquilo o que algo é.

Quando nossos olhos enxergam apenas o mundo material, não conseguimos ver a grandeza de tudo o que está a nossa volta. Um olhar pouco atento

confundiria aquela casa com uma humilde tapera tão comum ao período histórico em questão.

A falta de condições materiais daquela escola improvisada convivia com uma energia pura e criativa, impulsionada por duas grandes professoras que ensinavam com todo amor do seu coração.

As crianças e os adultos começam a chegar devagar para estudar naquela escola. Aos poucos, uns contavam aos outros e mais e mais pessoas ali se apresentavam para estudar.

Soma-se a isso a ação das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus em proporcionar alimentos a todos os necessitados que ali estudavam. Alguns, procuravam a escola em busca dos primeiros conhecimentos. Outros, para obter alimentos para eles e suas famílias.

Aquelas professoras eram guerreiras e ensinavam com uma bravura e envolvimento que não se viam nas escolas dos filhos dos coronéis do período. A capacidade de ensinar estava presente no âmago de seus espíritos, contagiando a todos que estavam a sua volta.

Qual não foi a alegria das Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz quando os primeiros adultos e crianças começaram a soletrar as primeiras sílabas e aprenderam a escrever os seus próprios nomes.

A retribuição em forma de amor e reconhecimento marcaram as ações daquelas valorosas Irmãs, especialmente quando foram presenteadas com flores silvestres colhidas na estrada pelos seus alunos.

Contudo, os avanços produzidos por aquela escola no combate à pobreza e ao analfabetismo não foi visto com bons olhos por aqueles que eram inimigos dos pobres e ex-escravos.

O ódio e o desejo de vingança despertaram naqueles espíritos encarnados doentios que não se conformaram que os pobres fossem consolados.

A retaliação era apenas uma questão de tempo.

Irmã Maria Luísa e os Espíritos Angelicais

Irmã Maria Luísa medita e ora dentro da capela existente no Mosteiro. Ela é muito simples, com altares e bancos de madeira rústica que se postam diante da imagem de Jesus e a Virgem Maria.

Ela possui 30 bancos com extensão de 6 metros cada. Fica no andar térreo do mosteiro. O mosteiro não era aberto aos transeuntes comuns. Por ele, circulavam apenas as Irmãs que ali viviam e, deveras, algum convidado (a) que traziam alimentos e notícias do restante do Brasil.

Os meses se passam e o sucesso da escola se espalha por toda a região. O número de necessitados aumenta a cada dia na porta do mosteiro. São pretos, índios e pobres de todas as regiões do estado.

A possibilidade de acesso à escola, remédios e um prato de comida, somada ao tratamento digno que era dado a todos acabou por atrair dezenas de necessitados.

Apesar de a escola funcionar em três períodos e do esforço brutal das professoras em se desdobrarem em trabalho árduo, a carência não reduzia na região.

As Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz trabalhavam com garra até a exaustão. Os pedidos de ajuda aos mais ricos que ali habitam não encontravam ressonância. Na realidade, eles pouco se importavam com a calamidade social imperante.

Para muitos, melhor seria quanto mais pessoas morressem de fome, pois comprovaria as suas teses contrárias à abolição da escravatura. Era o princípio do quanto pior melhor.

Os pedidos dos padres e das Madres da região eram ignorados. O máximo que faziam era depositar pequenas quantias de dinheiro na caixa de contribuições da igreja na vila por ocasião das missas que ocorriam aos domingos. Isso fazia-os sentirem-se como grandes samaritanos e salvadores da humanidade.

A comitiva vê a imagem da Irmã Maria Luísa, similar ao que plasmara o seu perispírito no Jardim de Flores.

Ela tem aproximadamente 80 anos de idade. Sua pele é clara, cabelos brancos e olhos azuis. Ela lembra muito uma senhora descendente dos povos portugueses. Ela tem aproximadamente 1:57 metros de altura e se veste com o hábito comum às freiras do Sagrado Coração de Jesus.

Sob a sua responsabilidade, estão 145 Irmãs que habitam o mosteiro em retiro e internato. Todas

são muito estudiosas e comungam com Deus a espiritualidade e o conhecimento.

Irmã Maria Luísa reflete sobre a situação em si. A escassez de alimentos começa a atingir a todos. Ela pede a Deus inspiração para que encontre as respostas sobre como agir diante de tão difícil situação.

A fome é tão avassaladora que o desespero cresce naquela multidão de necessitados, a ponto de esmurrarem a porta do mosteiro em busca de ajuda e alimentos.

Ela se sente impotente dada tamanha pobreza que impera na região. Sabe que em questão de pouco tempo, não terá alimentos para ajudar tantos necessitados.

Foi assim que em oração, pediu orientação e inspiração a Jesus e a Virgem Maria para que a

orientasse sobre como agir diante de tão grave situação.

A Comitiva no Jardim de Flores assiste a uma cena maravilhosa que encantou seus corações. Em meio às orações de Irmã Maria Luísa uma luz divina se materializa a sua volta, trazendo à sua presença dois espíritos angelicais.

Os pássaros voam a sua volta e dezenas de espíritos puros na forma de crianças e adultos começam a cantar uma canção de fé e de esperança.

Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada família



Lhe dê proteção



Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada Família



Che dê proteção



As paredes e as janelas começam a tremer dado o poder curativo e consolador desta canção. As luzes, em tons de cores desconhecidos no mundo material, se acentuam e uma nova imagem se apresenta na capela.

Um espírito angelical repete a canção que dá esperança a todos os necessitados.

Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada família



Lhe dê proteção



Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada família



Ehe dê proteção



Aqueles espíritos angelicais olham para Irmã Maria Luísa e sorriem depositando energias de amor e fé. Eles dizem em comunhão:

– Maria Luísa, não tenha medo. Tudo dará certo. Nós reconhecemos a sua luta e de suas Irmãs que honram o nosso nome.

Irmã Maria Luísa responde:

– Eu não sei mais o que fazer. A cada dia mais e mais pobres se apresentam a nossa porta. Nós não temos comida para todos.

Eles dizem:

– Infelizmente, minha querida filha, apenas um mosteiro não conseguirá romper com toda a fome e miséria que reina neste mundo.

– Mas, faça a sua parte com todo amor e carinho. Lute com afinco, tal qual já está fazendo.

– Existem questões no presente que só se resolverão no futuro, quando o mundo deixar a sua fase de provas e expiações. Exemplos como o de vocês guiarão em resistência as gerações futuras, demonstrando que a vida não precisa ser guiada pelo mal e que pode ter outro rumo regido pelo bem.

– Lembre-se! Às vezes o que achamos pouco é muito para aqueles que nada têm. Estaremos junto de vocês para dar a força e o apoio espiritual que tanto necessitam.

– A canção que acabamos de lhe ensinar acalentará o seu coração e o de todos necessitados que estiverem a sua volta.

– Sempre a cante para todos aqueles que perceber que precisam. Quando estiver com a esperança abalada, lembre-se do significado de sua letra, e ela a fortalecerá.

– Existem questões em curso que estão em jogo no livre arbítrio de todos os envolvidos. Muitos poderiam minimizar a fome e a miséria, mas não o fazem por escolha. No tempo certo, haverão de arcar com as suas responsabilidades.

– Tenha fé e esperança minha filha. Esta é a sua missão nesta encarnação. Que seja feita a vontade de Deus!

Irmã Maria Luísa começa a chorar de tamanha comoção e aqueles espíritos de Luz Divina começam dela se afastar cantando de forma ininterrupta a canção que lhe ensinara, até que desaparecem por completo.

Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada família



Ehe dê proteção



Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada família



Lhe dê proteção



A luta contra a miséria e a pobreza

Irmã Maria Luísa se sente fortalecida com os ensinamentos dos dois espíritos angelicais. A emoção que tomou conta do seu coração enche o seu espírito de luz e coragem.

Ela olha pela janela e vê as Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz indo para a escola para continuar a sua longa e bela jornada. Observa as duas sorrindo de alegria pela realização de tão nobre tarefa.

Ela reúne todas as Irmãs no saguão do mosteiro para fazer um comunicado.

– Minhas Irmãs. Como podem ver, a cada dia mais e mais necessitados batem a nossa porta.

Precisamos de comida e remédios para ajudar a todos. Contudo, nossas reservas estão baixas.

– Pergunto a vocês, como devemos agir?

Irmã Maria Francisca e Maria Joaquina levantam a mão e pedem a palavra falando em conjunto:

– Irmã Maria Luísa. Penso que devemos disponibilizar parte dos nossos remédios e alimentos da nossa subsistência para todos os necessitados que nos procuram.

– Se eles passarem fome, passaremos junto com eles. Nós jamais os abandonaremos e daremos todo o exemplo que for necessário.

Irmã Maria Luísa houve emocionada aquela fala. Afinal, a Irmã Maria Francisca e a Irmã Maria Joaquina eram as únicas freiras pretas da

ordem, cujas raízes espirituais profundas vinham da descendência dos povos iorubás africanos.

Todas as Irmãs concordam em reduzir as suas rações e distribuí-las aos necessitados. Um plano é elaborado e todas centram as suas atenções para a ajuda daquelas pessoas carentes que ali se apresentam.

Dia após dia, os alimentos são distribuídos. Os necessitados parecem não ter fim e a miséria se alastra em larga escala. Cada vez mais pessoas se apresentam com doenças, sendo muitas delas contagiosas.

As Irmãs lutam com toda a sua força, mesmo desconhecendo muito dos tratamentos que são necessários para a cura dos adoecidos. O pão é racionado e a quantidade de sopa por pessoa é reduzida a cada dia.

Em muitos dias, as próprias Irmãs deixam de realizar as suas refeições para distribuí-las aos pobres e necessitados.

A resistência das Madres na luta contra a pobreza incomoda os coronéis da região. Entre os seus líderes estão o Coronel Ferreira, pai da Irmã Maria Rita e o Coronel Paulo, pai da Irmã Maria Beatriz.

Eles conversam entre si para debater a atuação das Madres perante a pobreza. Coronel Ferreira diz:

– Não é possível que aquelas freiras estejam atendendo a todos aqueles miseráveis! Elas estão se colocando à frente dos nossos interesses.

Coronel Paulo responde:

– Elas criaram uma escola para ensinar e distribuir comida para aquela ralé. E sabe que está

a frente desta mardita escola? As nossas próprias filhas. Elas nos afrontam mesmo à distância.

Coronel Ferreira continua:

– Não sei você, mas para mim, a minha filha, Maria Rita, deixou de existir. Mardita hora em que a coloquei no mundo. Só foi decepção para a minha família.

– Nunca concordou com as minhas ideias. Sempre me questionou e tentou reduzir a minha autoridade.

– Sempre com uma conversa de benevolência e missão divina de ensinar os pobres. Pensei que ao despachá-la para o convento, me veria livre dela. Até lá, me enche a minha paciência.

Coronel Paulo concorda e continua:

– Na minha casa foi a mesma coisa. Eu a excomunguei da nossa família. Tal qual você, não a vejo mais como minha filha. Para mim, ela morreu.

No Jardim de Flores, Irmã Maria Rita e Maria Beatriz se colocam a chorar ao ouvirem tal afirmação. A primeira diz:

– Eu e meu pai éramos inimigos de muitas encarnações passadas. Muito prejudicamos uns aos outros, transcendendo da posição de vítima e algoz durante muitos séculos.

– Nesta encarnação, tínhamos a oportunidade de nos reaproximarmos, dada a força da relação paterna. Contudo, isso não foi possível. Nós encarnamos carregando valores de mundo muito diferentes.

– Enquanto eu me preparei aqui no plano espiritual para fazer o bem para a humanidade, meu

paí negou todo o aprendizado aquí obtido e foi seduzido pela vaidade e o orgulho.

– A escola que vocês veem era para ser na fazenda dos meus pais. Ali plantaríamos o conhecimento e a bondade, ajudando centenas de pessoas. O meu pai estava destinado a ser um abolicionista que influenciaria todos os demais fazendeiros.

– Com essa ação, muitas dívidas do passado seriam sanadas e o bem cresceria de todas as formas.

– Maria Beatriz trabalharia comigo na escola em virtude da amizade das nossas famílias. Com o tempo, o casamento tão sonhado por nossos pais se concretizaria pelo amor.

– Dele viriam herdeiros que multiplicariam as nossas fortunas e produziriam ainda mais ações de ajuda e benevolência aos necessitados.

– Estava previsto que os herdeiros de nossas famílias se casariam no futuro, e as nossas fazendas se transformariam em uma só, multiplicando as nossas riquezas.

Irmã Maria Beatriz continua:

– A mesma coisa aconteceu comigo e me pai. Já conhecia Maria Rita de muitas outras encarnações. Em encarnações passadas, em conjunto com nossos pais, que na época eram nossos maridos, subjugamos muitas pessoas, causando a elas muito sofrimento.

– Nós odiávamos nossos maridos e os usamos para conseguir nossos interesses. Por muito tempo, enganamos uns aos outros, promovendo uma relação promíscua e desprovida de respeito mútuo.

– As disputas entre nós levaram a nossa desencarnação. Fomos todos assassinados por

peessoas que tentamos roubar e de nós se vingaram tirando as nossas vidas.

– Quando desencarnamos, tínhamos ódio uns dos outros. Ao mesmo tempo, fomos perseguidos pelo desejo de vingança daqueles que enganamos e causamos a morte.

– Depois de muitos anos, fomos resgatadas. Maria Ríta foi a primeira e eu em seguida. Quando chegamos ao pronto socorro espiritual, tínhamos vergonha de nós mesmas, dada a condição precária que fora a nossa última encarnação.

– Os nossos ex-maridos foram resgatados anos depois. Foi muito difícil quando nos reencontramos com eles, pois descobrimos que muitas feridas não foram curadas.

– A saída encontrada pela espiritualidade foi encarnarmos juntos, como pais e filhas, para que a

amizade e o amor fluíssem entre nós. Contudo, como podem ver, não foi isso que aconteceu. Ambos sucumbiram em suas provas e expiações e acabaram por nos renegar como filhas.

– A nobre tarefa que nos foi dada acabou inundar os nossos corações de sentimentos de benevolência e ajuda ao próximo. Isso permitiu perdoá-los e esquecê-los. Contudo, eles não tiveram o mesmo sentimento.

– Como lhes dissemos, eles renegaram todos os ensinamentos do bem que obtiveram no plano espiritual. Renegaram todas as suas promessas e os planos que traçamos em conjunto.

– Em vez de serem soldados do bem, sucumbiram aos encantos ilusórios da vida, deixando-se perder entre a soberba e a vaidade.

– Com isso, foram presas fáceis de irmãos umbralinos que ainda esperam o momento para deles se vingarem.

A destruição

Os Coronéis Ferreira e Paulo continuam a conversar sobre os seus planos de sabotar o trabalho de ajuda aos pobres feito pelas Madres do Sagrado Coração de Jesus.

Coronel Ferreira olha para Paulo e diz:

– Precisamos agir o quanto antes. Nós temos que destruir todo o trabalho das Irmãs. Temos que agir para deixar todos aqueles marditos na miséria e passando fome.

– Vamos tirá-las de uma vez do nosso caminho.

Coronel Paulo pergunta:

– Como vamos fazer isso? Elas são amadas por centenas de pobres da região. Se nos colocarmos contra elas, teremos todos eles contra nós.

Coronel Ferreira responde:

– Temos que usar a astúcia e a inteligência. Não podemos aparecer. Vamos contratar capangas para interceptar e pôr fogo nas carroças que levam comida para o mosteiro.

– Farão parecer que é um roubo qualquer, quando na realidade não o é. A impunidade que existe na região permitirá que não aja qualquer investigação.

– Assim, vamos impedir que elas tenham acesso aos alimentos. Pediremos para os nossos empregados espalharem que elas conseguiram muitos inimigos e que estes matarão toda e qualquer pessoa que tentar ajudá-las. Quando difundirmos o medo entre as pessoas, elas ficarão isoladas.

– O nosso nome não pode aparecer de jeito nenhum. Contrataremos capangas e matadores de outras regiões, por meio de intermediários que não

possam nos identificar. Ai daremos cabo desta situação.

– Deixaremos aquelas que um dia chamamos de filhas morrerem de fome, assim não precisaremos nunca mais vê-las ou delas ter notícias. Elas não mais nos farão passar vergonha e nem nos desonrarão.

Coronel Paulo faz uma cara satânica e afirma:

– É verdade, Ferreira. Penso que devemos ir mais além. Vamos deixar elas ficarem debilitadas de fome e doenças e, no final, mandamos botar fogo naquele mosteiro e naquela mardita escola.

– No final mataremos a todas e elas cairão no esquecimento. Para fazer isso é preciso coragem e isso nós temos de sobra. Vamos acabar com aquelas Irmãs.

Os matadores e capangas são contratados a léguas dali e começam a colocar em ação o plano de destruição do mosteiro.

As carroças começam a ser abordadas e queimadas uma após a outra. Os comerciantes percebem o que está ocorrendo e começam a se recusar em vender alimentos e remédios para as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Eles ficam com medo de perder mais carroças.

As Madres ficam sem recursos para adquirir novos alimentos. Em um movimento inédito, pessoas tentam doar parte de seus alimentos para o mosteiro. Contudo, são abordadas e ameaçadas pelos matadores que roubam sua comida e as ameaçam de morte.

O desespero bate à porta do mosteiro. A cada dia, mais e mais famintos e doentes ali se apresentam em busca de ajuda. Muitas das doenças são

contagiosas. Com isso, algumas Madres, debilitadas pela falta de alimento, adoecem junto com os seus pacientes, desencarnando uma após a outra.

Os Coronéis comemoram em segredo o acontecido as carroças queimadas e as pessoas que tentavam ajudar e eram ameaçadas, tendo os seus próprios alimentos roubados. Eles não tinham ideia de quantas dívidas acumulavam para o futuro.

Muitos dos pobres e pretos libertos começam a morrer de fome e doenças na porta do mosteiro. faltavam braços até para enterrá-los.

Alguns, dado o seu momento evolutivo, entendiam que esta encarnação chegara ao fim e partiam conformados para as colônias espirituais para serem atendidos. Outros, desencarnavam e se somavam ao desejo de vingança de centenas, especialmente quando descobriam que eram os seus verdadeiros algozes.

Os coronéis preparam a carta final contra as Madres. Ho mesmo tempo, Irmã Maria Luísa, desgastada em suas condições de saúde, prepara-se para os momentos finais de sua encarnação.

foi com dor no coração que ela viu o desencarne das Irmãs Maria Francisca e Maria Joaquina. Elas morreram de fome e fraqueza, visto que distribuíram toda a sua comida para os famintos que ali se apresentavam, especialmente os pretos recém-libertos e seus familiares.

No Jardim de Flores, Irmã Maria Luísa diz emocionada.

– Eu desencarnei dias após as Irmãs Maria Francisca e Maria Joaquina. Eu estava muito doente e debilitada. Não tinha sequer forças para andar.

– Quando meu espírito começou a ser desprendido do meu velho corpo, aqueles dois espíritos

angelicais novamente a mim se apresentaram e começaram a cantar a música que me ensinaram.

Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada família



Lhe dê proteção



Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada família



Ehe dê proteção



– O meu corpo foi ficando leve e minhas fraquezas foram amainadas. Eu senti meu corpo

flutuar e sem qualquer ressentimento fui levada à colônia espiritual por aqueles amigos tão queridos.

Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada família



Lhe dê proteção



Ó Virgem Maria



O manto de Deus



Sagrada família



Lhe dê proteção



Todos se põem em comoção. Irmã Maria Luísa chora e abraça a suas Irmãs da Comitiva do Sagrado Coração de Jesus, sendo acompanhada pelas crianças.

Todos acompanham o desenrolar da história. Coronel Ferreira procura o Coronel Paulo e diz:

– Paulo, tive informações que o mosteiro está debilitado e muitas Madres partiram desta para pior. Penso que chegou a hora de darmos a cartada final.

Coronel Paulo responde:

– Sim, Ferreira. Chegou a hora. Vamos chamar os matadores que contratamos e dar cabo de todas as Madres e vagabundos que sobraram.

– Como vamos matar todas e não sobrar ninguém para contar a história. Essa eu quero assistir de perto. Quero ver todas morrerem no fogo ou pelas balas dos nossos homens.

O extermínio é preparado para a mesma noite. Os capangas se aproximam da escola e do mosteiro e se preparam para destruí-los.

Quando eles chegam na escola em companhia dos coronéis, Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz ali estão com poucos alunos adultos e crianças. Os capangas jogam tochas de fogo na escola e bloqueiam a porta com tiros para que todos que estivessem ali dentro não conseguissem de ela sair.

Elas olham pela janela, tentando respirar o pouco de ar que conseguiam e veem os rostos daqueles que um dia chamou de pais ordenarem as suas mortes e dos seus alunos.

Em seguida, o mosteiro é invadido e a chacina é completada, sendo ele saqueado e destruído pelo fogo. Todas as Madres são mortas, bem com os pobres e seus familiares que ali estavam. Alguns

morreram pelo fogo e os sobreviventes pelos projéteis das armas dos capangas.

A espiritualidade socorre a todos aqueles que permitem. O desejo de vingança impera em muitos dos que foram assassinados. As forças umbralinas que ali estão presentes trata de recrutá-los para uma vingança futura.

As últimas experiências

No Jardim de Flores, todos assistem chocados o desenrolar dos eventos ocorridos no mosteiro. As Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz se voltam a todos e dizem:

– Nós perdoamos aqueles que foram os nossos pais nesta encarnação. Entendemos que tudo aquilo, por mais trágico que possa ter sido, foi um resgate de nossas dívidas no passado.

– Passamos nas provas e vencemos as expiações. Olhamos no fundo dos olhos de nossos pais quando fomos assassinadas e eles não conseguiram sequer nos encarar. As suas condições morais debilitadas impediram que os devedores encarassem os olhos dos devidos.

– Apesar das chamas, não sentimos qualquer dor ou queimadura em nossos corpos. Um clarão de luzes nos envolveu e adormecemos, acordando dias após no hospital da colônia espiritual.

– Apesar de tudo, os nossos pais não obtiveram a vitória que imaginavam. A destruição da escola e do mosteiro não mudou a política nacional e a abolição da escravatura não foi erradicada.

– Com o tempo, a notícia de que eles foram os responsáveis pelas mortes das freiras e dos pobres vazou, e eles passaram a ser desprezados na região.

– Muitos trocavam de lado na calçada quando os viam. Até os outros coronéis da região ficaram indignados com tanta maldade, entendendo aquela ação como uma ofensa a Deus.

– A revolta e indignação foi tanta que a própria Igreja lhes virou as costas, excomungando-os do

convívio entre os fiéis. Eles foram banidos da vila e do convívio social.

– Os outros coronéis e os comerciantes passam a evitar fazer negócios com os mesmos, visto que eles levam a chancela de excomungados da Igreja e inimigos de Deus.

– Com o tempo, começam a empobrecer e definharem por doenças. O seu nível de isolamento era tal que tinham até dificuldades de encontrar médicos que pudessem deles tratar.

– Nos foi permitido estar próximas deles no momento de seus desencarnes. Uma legião de irmãos umbralinos estavam à sua espera em busca de vingança.

– Eles foram consumidos e imediatamente escravizados. Os seus gritos de socorro eram satirizados por aqueles que os levaram.

– As notícias que temos é que eles estão até hoje nas zonas mais profundas do Umbral. Os seus estados de demência são precários e eles começam a perder a forma humana, transformando-se em estado feral.

– Apesar de todo o mal que nos fizeram, oramos para que se arrependam e sejam socorridos. Contudo, parece que ainda terão muito o que caminhar.

Irmã Maria Luísa ouve as explicações das Irmãs Maria Rita e Maria Beatriz e diz:

– Agora todos nós nos conhecemos. Temos uma tarefa bela e difícil no futuro. Aprendemos com nossas histórias do passado. Todos vivemos expiações difíceis e fomos aprovados nas provas que nos foram apresentadas.

– Elas foram difíceis, mas, com a ajuda de Jesus, as superamos e crescemos como seres vivos.

– Partiremos agora para uma nova fase do nosso processo evolutivo. Todas as lições ocorrerão aqui no Jardim de Flores.

Tarcísio pergunta:

– Nós teremos lições com as senhoras?

Irmã Maria Luísa responde:

– Nesta parte não. Elas serão ministradas pelo professor dos professores.

Toda a comitiva olha espantada e Irmã Maria Luísa continua:

– As lições serão ministradas diretamente por Jesus e sem intermediários. Ele a nós se apresentará pessoalmente e nos passará todos os seus ensinamentos.

– Vocês devem se preparar para mais uma grande experiência que se somará a todas que já obtivemos.

Francisca pergunta:

– Quando será isso Irmã Maria Luísa?

Ela responde:

– Amanhã nos encontramos e começamos esta nova etapa. Descansem bastante, pois amanhã Jesus, o governador do Orbe, estará pessoalmente conosco aqui no Jardim de Flores.

Continua...

Este romance espírita é a continuação da obra "O Jardim de Flores e os Milagres de Jesus" publicado pela Navegando Publicações no ano de 2023, redigido através de intuição mediúnica pelos seus autores.

Após acompanharem os milagres do Nazareno, a Comitiva do Sagrado Coração de Jesus reforça os seus laços de amor e amizade. Para isso, contam as histórias de suas últimas encarnações e as provas e expiações que passaram.

São três histórias que se entrelaçam, tendo como pano de fundo, a segunda metade do século XIX no Brasil e os desdobramentos da abolição da escravatura.